



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

CONTRUÇÃO DE MITOS NAS MATÉRIAS DO DIÁRIO LANCE!
PAN 2007: UM ESTUDO DE CASO

BRUNO BARBOSA DE OLIVEIRA ROEDEL

Rio de Janeiro
2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**CONSTRUÇÃO DE MITOS NAS MATÉRIAS DO DIÁRIO LANCE!
PAN 2007: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia submetida à Banca de Graduação
Como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo

BRUNO BARBOSA DE OLIVEIRA ROEDEL

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa

Rio de Janeiro
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

ROEDEL, Bruno Barbosa de Oliveira

Construção de mitos nas matérias do diário Lance! Pan 2007: um estudo de caso.
Rio de Janeiro, 2008.

Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade
Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação Social – ECO

Orientador: Gabriel Collares Barbosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia
**Construção de mitos nas matérias do diário Lance! Pan 2007: um estudo
de caso**, elaborada por Bruno Barbosa de Oliveira Roedel.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia//

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Eduardo Refkalefsky
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Mauricio Durão Schleder
Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro
2008

ROEDEL, Bruno Barbosa de Oliveira. **Construção de mitos nas matérias do diário Lance! Pan 2007: um estudo de caso**. Orientador: Gabriel Collares Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a representação de três atletas brasileiros nas matérias do Diário Lance! durante os Jogos Pan-americanos de 2007, realizados na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo do trabalho foi mostrar como a construção de ídolos esportivos na imprensa tem uma relação direta com o mito e que isso traz consigo impactos sociais. Mais especificamente, procurou-se identificar estruturas míticas na caracterização dos atletas e suas realizações além de ter sido feita uma análise do impacto que esta mitificação pode provocar na construção de valores na sociedade, neste caso, na construção da identidade nacional brasileira. A construção do herói clássico segundo Joseph Campbell e a estrutura semiológica do mito contemporâneo, abordada e discutida por Roland Barthes, foram os referenciais teóricos utilizados no estudo dos mitos. Já os trabalhos dos autores Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre foram a base para o estudo dos processos de construção da identidade nacional brasileira encontrados nas matérias do jornal. O material de pesquisa se constituiu das reportagens que se referiam aos atletas Hugo Hoyama, Thiago Pereira e Diogo Silva encontradas nas edições do referido diário no período de 15 de Julho até 30 de Julho.

Aos meus pais, por todo o apoio, carinho, orgulho e cobrança para minha formação.

Aos meus amigos de trabalho, Carolina Pacheco, Erika Wurts, Pedro Carvalho e Tais Martins pela total compreensão da etapa da vida por que passo, pela ajuda no meu crescimento profissional, além de momentos únicos de alegria.

Aos meus amigos mais antigos, Julius, Vanessa e Philip, por terem contribuído para eu me tornar o que sou, além de todos os benefícios de uma amizade saudável, duradoura e feliz.

Aos meus amigos de faculdade, Camila Konder, Eduardo Loureiro, Fábio Savino e Ricardo Senra, por tudo que pude aprender e viver nesses valiosos anos de faculdade.

A Daniel “Brasília” Leal, por toda a boa vontade e ajuda com os arquivos do jornal, além das próximas etapas.

A Paulo Sgarbi, pela ajuda na revisão do texto.

Ao meu orientador, Prof. Gabriel Collares, que acreditou e me ajudou a concluir esse trabalho tão importante.

À(o) minha(meu) afilhada(o), por todo o carinho e orgulho que está para chegar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. O MITO NA CONTEMPORANEIDADE: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

- 2.1 O Mito Clássico: a figura do herói
- 2.2 O Mito na contemporaneidade: Conceituação e definição
- 2.3 Os Meios de Comunicação em Massa
- 2.4 O Mito brasileiro: Construção de Valores e Identidade Nacional

3. ESTUDO DE CASO DE ATLETAS BRASILEIROS NO PAN

- 3.1 Diogo Silva: o Herói do Povo
- 3.2 Hugo Hoyama: o Herói Multi-étnico
- 3.3 Thiago Pereira: o herói do Pan

4. CONCLUSÃO

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

No mês de julho do ano de 2007, foram realizados na cidade do Rio de Janeiro os XV Jogos Pan-americanos. O evento multi-esportivo recebeu extensa cobertura dos meios de comunicação brasileiros, ocupando espaços importantes na imprensa. Para se preparar para receber o pan, os três níveis de governo (municipal, estadual e federal) fizeram diversos investimentos em estruturas e instalações esportivas. Já o Comitê Olímpico Brasileiro, junto de suas confederações associadas, ajudou a preparar a maior delegação brasileira na história dos pans, que teve como resultado a melhor performance do país em número de medalhas conquistadas.

O evento foi considerado um marco na história do esporte brasileiro, pois demonstraria a capacidade do país em organizar um evento esportivo de grande porte, exigindo desde instalações esportivas de última geração até estrutura e organização da cidade. O evento também seria mais um passo para o Brasil se tornar uma potência no esporte. A dimensão e o impacto que os jogos causaram no país o tornam um tema importante de estudo, principalmente por ter sido um grande fenômeno de mídia, alcançando todo o território nacional. Além disso, estudar o noticiário do Pan ajudará a entender um fenômeno midiático cíclico, já que os jogos pan-americanos ocorrem a cada quatro anos e assuntos e situações parecidas deverão voltar à pauta também a cada Olimpíada.

No Jogos Pan-Americanos do Rio, os atletas brasileiros receberam destaque especial, sendo celebrados nos jornais a cada conquista de medalhas, principalmente quando eram medalhas de ouro. Algumas vezes, foram representados como heróis nacionais. Com isso, pode-se questionar que tipo de relação essa representação teria com o mito. De que maneira os heróis da atualidade, que podemos encontrar nos jornais, se relacionam com os heróis da mitologia clássica? A representação dos atletas corresponderia a um tipo específico de mito contemporâneo?

Esse estudo buscará desenvolver as questões acima, além de diversas outras discussões relevantes que irão surgir ao longo do trabalho. O mito possuía uma função social de extrema importância nas sociedades antigas, era um referencial de valores para uma sociedade estável, que sofria poucas mudanças sócio-culturais. No mundo

contemporâneo, podemos identificar uma sociedade em que a cultura está em constante transformação, e isso reflete na maneira que o mito é construído.

Para conceituar o mito clássico, será utilizado o trabalho do mitólogo americano Joseph Campbell. Assim será possível entender melhor a função que o mito possui em uma sociedade antiga. Além disso, a conceituação do herói clássico do autor será a base para entendermos como se constrói uma figura heróica, e que características podem ser consideradas as mais importantes para essa construção.

Como a sociedade em que vivemos não é uma sociedade antiga, a explicação do mito de Campbell não seria suficiente para a análise dos mitos presentes nos jornais. No mundo contemporâneo, o mito iria além da natureza fantástica dos mitos antigos. Até mesmo porque, em um mundo guiado pela racionalidade, o fantástico perde parte de sua força. Os estudos do filósofo francês Roland Barthes serão usados como base para a conceituação do mito contemporâneo. Como veremos mais detalhadamente, Barthes procurou expandir a noção do que é mito e mostrou de que maneira ele é atuante na contemporaneidade. O filósofo diz que o mito é um tipo de discurso, uma mensagem com uma construção de elementos específicos, que possui a intenção de reforçar conceitos e valores sociais que formam a sociedade. Serão essas construções de discurso que procuraremos nos jornais.

O estudo também procurará entender qual a relação do mito com a formação da identidade cultural, principalmente a formação da identidade nacional. Em competições internacionais multi-esportivas, como os jogos pan-americanos, os atletas são organizados de uma maneira na qual estão representando um país, uma nacionalidade, antes de representarem a si mesmo. Por isso, se questionará de que maneira isso ocorre e como que esses símbolos são compartilhados com a sociedade. Para entendermos o caso específico da nacionalidade brasileira, buscaremos as origens da brasilidade nos trabalhos de Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre. Ambos os autores explicam como a nossa história contribuiu para a definição do que é “brasileiro”.

Como o trabalho terá como objeto de estudo o esporte e a sua representação na mídia, será preciso entender que especificidades que o esporte possui. Tentaremos entender como e por que um atleta se torna um ídolo. Que aspectos são valorizados na construção dessa imagem e que tipo de exemplo de conduta que poderão ser identificados. Essa análise

poderá mostrar se e como o mito estaria presente nas matérias esportivas. Além disso, poderemos buscar entender melhor que funções o esporte exerce em nossa sociedade.

Para poder desenvolver as questões acima, escolheu-se analisar o noticiário do Diário Lance! durante os jogos pan-americanos. O jornal foi fundado em 1997 e é atualmente o maior diário esportivo da América Latina. Sua credibilidade e alta circulação o tornam referência no jornalismo esportivo brasileiro e principal produto jornalístico do ramo. A sua importância e sua representatividade são os dois principais motivos para se ter escolhido o Lance! para trabalharmos os conceitos dessa monografia.

2. O MITO NA CONTEMPORANEIDADE: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

A conceituação do mito servirá de base para a análise das representações dos atletas brasileiros durante os jogos pan-americanos. Muitas vezes, se refere aos esportistas como ídolos e heróis, e entender como essas noções surgiram historicamente é parte essencial para os objetivos desse trabalho.

Como vivemos em um mundo em que a mitologia é, muitas vezes, vista apenas como histórias antigas de povos primitivos sobre seres sobrenaturais, será tentado entender o que o mito representava para esses povos e como que isso se traduz para o mundo atual. Para isso, será necessário definir o que seria o mito e como ele age para, então, procurar ver o papel que ele poderia exercer na cobertura de um evento esportivo.

2.1 O mito clássico: a figura do herói

Quando se pensa em mito clássico, é comum pensar na antiguidade clássica greco-romana. A Grécia antiga é considerada o berço da civilização ocidental e as histórias mitológicas dos deuses, semi-deuses e humanos foram a principal religião ocidental (na Grécia e em Roma) até a ascensão do cristianismo. Porém, essa definição histórica de mito clássico não vai ser o centro desse estudo.

A definição de mito clássico será a do mitólogo americano Joseph Campbell, que procurou encontrar as semelhanças nas construções das histórias míticas e religiosas de diversos povos, desde os índios americanos aos indianos; de chineses aos gregos antigos. Através dessa comparação, ele encontrou um padrão que está presente na maior parte dos

mitos. Algumas dessas histórias estão focadas nas origens do universo, da Terra, dos homens e da natureza. Apesar de reconhecer a importância dessas histórias para a mitologia geral, essas representações e estruturas não possuem uma ligação direta com o objeto de nossa pesquisa.

Já a estrutura da trajetória do herói clássico, seja ele mortal ou imortal, é bastante relevante para esse estudo. A figura do herói segue uma espécie de padrão na grande maioria das mitologias do mundo. A sua principal característica é que o que o define como herói é a trajetória que ele percorreu em que cumpriu seu objetivo principal. Para ser mais específico, é uma trajetória que magnifica a fórmula representada nos rituais de passagem das sociedades humanas: *separação-iniciação-retorno*:

Um herói vindo do mundo do cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1989, p.36)

O autor usou alguns exemplos de histórias bem conhecidas que seguem esse padrão: Prometeu, que foi aos céus, roubou o fogo divino e retornou ao mundo dos mortais; Moisés, que libertou o seu povo, recebeu de Deus os dez mandamentos e seguiu até a Terra Prometida; Gautama, que seguiu sozinho até a Árvore da Iluminação, onde atingiu o estado de espírito que o fez conhecer o Caminho, se tornando Buda.

Nesses exemplos, já é possível ver que o heroísmo pode vir de uma divindade (Buda), de um titã (Prometeu) e, até mesmo, de um humano (Moisés). Logo, o herói mitológico não se constrói apenas de uma analogia direta com os ritos de passagem. Além das semelhanças nos padrões da história, o que essas três histórias, de três lugares e culturas diferentes do planeta, têm de semelhante é o fato de revelarem o poder criativo da mente humana.

Pois os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte. (CAMPBELL, 1989, p.16)

Para Campbell, esse poder de criação da psique humana é um dos fatores que permitiu a organização social da cultura através de mitos primitivos e históricos. Nesse caso, a aventura dos heróis mitológicos se torna uma afirmação da integração indivíduo e sociedade. A aventura dos heróis é uma maneira de se dialogar com as transformações individuais e sociais pelas quais um humano passa em sua vida. Nesse momento, outra característica dos mitos se revela, a legitimação desses símbolos da mitologia se dá através de rituais, que se tornam símbolos da própria vida humana.

Os chamados ritos [ou rituais] de passagem, que ocupam um lugar tão proeminente na vida de uma sociedade primitiva (cerimônias de nascimento, de atribuição de nome, de puberdade, casamento, morte, etc.) têm como característica a prática de exercícios formais de rompimento normalmente bastante rigorosos, por meio dos quais a mente é afastada de maneira radical das atitudes, vínculos e padrões de vida típicos do estágio que ficou para trás. (CAMPBELL, 1989, p.20)

Esses rituais ajudam as pessoas a superarem obstáculos de transformação inerentes à sua vida, de forma que a mudança ocorra tanto no consciente quanto no inconsciente. O principal instrumento que os rituais usam são exatamente os símbolos. O autor enxerga que, através disso, o mito está diretamente ligado à psicanálise. Os triunfos dos heróis são triunfos de ordem psicológica, e não física, são da natureza onírica humana, parte das diversas fases da psique da vida.

Tendo isso como referência, podem-se buscar as características e momentos padrão nas etapas da aventura do herói, que é o que o define, desde a *separação* até o *retorno*. Para Campbell, o primeiro grande estágio é a *separação* ou *partida*. Nele, o herói ainda é parte da ordem comum, ou natural, da sociedade, e ainda é menor em sua importância para o mundo que o cerca. Nesse estágio, pode-se citar cinco sub-etapas: 1) o chamado da aventura; 2) a recusa do chamado; 3) o auxílio sobrenatural; 4) a passagem pelo primeiro limiar; e 5) o ventre da baleia.

Na parte 1, o herói recebe o primeiro chamado da aventura que irá acontecer em seguida. O evento ainda é um indício das transformações que virão e, muitas vezes, se apresenta através de um erro ou um problema. No caso, o erro ou problema incorpora um obstáculo que se apresenta para afastar o herói dos caminhos comuns humanos. Depois disso (sub-etapa 2), o herói evita enfrentar o problema por medo de perder o que ele já

possui, só que a recusa funciona apenas como um adiamento do seu destino inevitável, nega a sua vocação “divina”. Em seguida (sub-etapa 3), o herói já aceitou a sua tarefa e recebe a orientação de uma figura de mais vivência, normalmente um ancião. Outra parte importante é que, nessa parte, é comum o recebimento de amuletos que servirão de proteção ou orientação para o herói, que confirma o seu caráter diferenciado. No sub-etapa 4, o herói passa os limites do mundo conhecido, dando o primeiro passo rumo a um local estranho, fantástico. Completando a parte anterior (sub-etapa 5), o herói se distancia totalmente do mundo visível e comum para ser jogado inteiramente no desconhecido, dando até mesmo a impressão de morte, só que esse será o momento em que ele nascerá de novo, incorporará de vez o seu heroísmo.

O segundo grande estágio é a *iniciação*. Nele, o herói enfrentará as tarefas grandiosas e miraculosas do mundo sobrenatural. Aqui se podem encontrar as representações de diversas faces do inconsciente humano. Ao enfrentar e reconhecer os desafios simbólicos do inconsciente, o herói torna-se completamente ciente de si e, com isso, pode enfrentar as tarefas. Não se pode dizer que ele atinge esse estágio sozinho, pois é nesse momento da escuridão que os amuletos de proteção de ordem sobrenatural que ele recebeu anteriormente agem, ajudando a legitimar e realizar a sua vocação. Isto é, o herói é legitimado por sua conduta se tornando digno da benção divina, que o ajuda a libertar-se das condições limitadoras do humano comum. Ele encontra o seu propósito pessoal e atinge o objetivo de sua aventura. Ainda não é possível afirmar que a aventura está completa. Depois de atingir o seu propósito, o herói precisa retornar ao mundo dos humanos para que ele possa passar o seu legado adiante.

No terceiro grande estágio, o *retorno*, ele irá resgatar-se do mundo sobrenatural, local de suas provações, e trará consigo o que for necessário para “curar a sociedade”. Novamente, o herói pode ser recuperado por forças externas, uma divindade pode resgatá-lo ou, até mesmo, o próprio mundo. Nessa fase, o herói precisa voltar do além, deixando a escuridão para trás de vez, demonstrando o seu caráter divino de escolhido para o resto do mundo. Ele será reconhecido como o salvador pelas pessoas, enriquecendo a sociedade com os frutos de sua jornada bem-sucedida. Se ele atinge o seu propósito pessoal na fase da iniciação ou caminho das provas, ele só completa a sua jornada quando esse propósito beneficia o coletivo. A proeza do herói, por definição, não é o êxito pessoal, egoísta, é o

êxito de todo o povo que representa através da simbolização da redenção e presente para a sociedade.

Campbell afirma a sua definição da aventura do herói através de exemplos de diversas culturas e religiões do planeta. Porém, ele limita muito essas representações ao mundo antigo, e diz que se tentou suprimir o caráter mitológico humano no mundo moderno racionalista. Para ele, isso acaba resultando em uma negação do humano que acarreta problemas encontrados na análise psicanalítica freudiana. A modernidade matou a figura dos deuses e mitos e a razão, agora, possui a tarefa de lidar com os problemas das fases de transição na relação entre a transformação do indivíduo e do coletivo.

Esse estudo tentará lidar com esse problema de outra maneira. Ao invés de afirmar que o mito foi morto pela racionalidade, serão usados outros autores para entender como o mundo contemporâneo lida com os símbolos de ordem mítica e propor que ele se apresenta de outra maneira atualmente.

2.2 O mito na contemporaneidade: conceituação e definição

O mito antigo, apesar de ainda possuir valor e presença em nossa sociedade, não é suficiente para podermos definir o que é e qual o papel do mito atualmente. Com as mudanças históricas que ocorreram até se chegar à sociedade de massas, o mito se modificou e deve-se procurar entendê-lo de acordo com o modo como ele se apresenta em nossa realidade, a realidade da contemporaneidade. Isso nos faz chegar à questão: *o que é o mito hoje?*

Para Roland Barthes, o mito nada mais é do que uma fala:

Naturalmente, não é uma fala qualquer. São necessárias condições especiais para que a linguagem se transforme em mito. Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. (BARTHES, 2007, p.199)

Apesar de ter um papel importante em uma mensagem, o conteúdo da mensagem não será a base para classificarmos e identificarmos o mito. Para Barthes, o que define o mito é a forma e não o conteúdo. Isto é, o que caracteriza uma mensagem como mítica é o modo em que ela é construída e não os valores que ela apresenta. Portanto, desde que seja

parte de uma estrutura mítica, qualquer elemento de nossa realidade pode se tornar um mito.

É importante reforçar que, como forma específica, não estamos nos referindo apenas à linguagem verbal. Um gesto, uma imagem, um texto e outros tipos de mensagens podem se encaixar na classificação que adotamos. Para entender o que forma o mito, precisaremos ver o mito como uma fala resultante de um modo de significação, um produto da semiologia. Porém, não é um sistema semiológico simples, a associação de um significante mais um significado para formar um signo. O mito depende de um sistema semiológico já construído previamente para se usar como fonte para um sistema de significação posterior. Isto é, o mito precisa de um signo já formado para formar uma significação que de fato será mítica.

Essa significação é resultado de um processo que, metaforicamente, seguiria a seguinte ordem: um significante e um significado formam um signo pleno, que possui sentido completo e acabado (1º signo). Esse signo é apropriado pelo mito, fazendo o seu significado perder o seu valor e se transformar em um significante, uma forma. Um novo significado é injetado nessa forma e um 2º signo é criado, dessa vez, um signo mítico. O significado do primeiro signo perde o valor por não ser mais essa a mensagem transmitida e/ou recebida, e sim o significado injetado. Isto é, mesmo que o primeiro signo não deixe de existir e possa até ser reconhecido, a mensagem tem como propósito definir e impor o segundo significado (ou conceito) usando o primeiro signo como plataforma para isso. Por exemplo:

Sou aluno de segundo ano ginásial num liceu francês; abro a minha gramática latina e leio uma frase, tirada de Esopo ou de Fedra: quia ego nominor leo. Paro e reflito: há uma ambigüidade nesta proposição. Por um lado, as palavras têm, sem dúvida, um sentido simples: pois eu me chamo leão. E, por outro lado, a frase pretende claramente me significar outra coisa: na medida em que ela é dirigida a mim, aluno do segundo ano de ginásio, diz-me claramente: eu sou um exemplo gramatical destinado a ilustrar a regra de concordância de atributo”. (BARTHES, 2007, p.206)

A frase “quia ego nominor leo” tem seu sentido original e “literal” suprimido, transformando-se em um suporte para mensagem com intenção de ser transmitida: um exemplo de gramática para um aluno do ginásio. Nesse caso, fica mais fácil identificar que

o mito (no caso, o exemplo gramatical para o estudante) pode-se apropriar de signos que dizem as mais diversas coisas (frases genéricas em latim), desde que possam servir de forma a permitir que seja injetado o significado pretendido. Ou seja, a frase em latim perde seu valor semântico inicial para que o exemplo gramatical apareça, prevaleça. É importante perceber que a frase ainda possui o sentido original, ela apenas foi posta em segundo plano por causa da segunda construção feita em cima dela. O “1º signo” (frase em latim), que possuía sentido pleno, se torna uma *linguagem-objeto* a ser usada pelo mito.

Ao ser dissecado dessa maneira, o mito perde legitimidade, pois sua intencionalidade se revela e a mensagem perde a sua plenitude. Logo, o mito cumpre sua função quando não é possível identificar a injeção do conceito, pois senão ele deixaria de ser pleno. Por outro lado, a intencionalidade do mito não pode ser escondida, como se fosse uma mensagem subliminar, pois senão ela não seria identificável aos olhos de todos e o conceito não se reproduziria. Logo, o mito, para ser eficiente e validado pelo leitor, deve buscar criar uma relação de causa e efeito natural entre o conceito e a linguagem-objeto, o significante e o significado. Isto é, o mito quer naturalizar uma relação construída artificialmente, culturalmente e intencionalmente, transforma a história em natureza. Como se o significante naturalmente equivalesse ao conceito do mito, ao se ver o mito não como um sistema semiológico, e sim como um sistema indutivo.

Como foi dito no início do capítulo, a mitologia clássica ainda se faz presente na sociedade atual. Porém, pode-se afirmar que a própria mitologia clássica sofreu e sofre da mitificação descrita por Barthes. O mito clássico é um signo que perdeu o seu significado original, que estava ligada à aventura do herói. Seu valor e sua bagagem histórica foram suprimidos para que se tornasse uma plataforma (um conto, uma imagem) tomada pelo mito contemporâneo para significar algo de nossa realidade, nossa história, nossos valores. O mito, que era definido por uma sequência narrativa de diversas etapas, se torna um conceito a ser utilizado por significados atuais.

Com isso, podemos identificar que um mito é parte de uma história e de uma cultura, pois seus conceitos formadores (os que foram injetados na linguagem-objeto) podem-se alterar dependendo de certos fatores como: espaço, tempo, tipo de público leitor, etc. Nesse caso, é possível ver que a intenção do mito existe dentro de um sistema

sociopolítico e que sua enunciação busca fazer prevalecer o conceito, mesmo que não esconda o sentido original.

2.2 Os meios de comunicação de massa

Agora que definimos o mito, podemos buscar estabelecer em qual espaço ele se faz mais presente e, também, ver qual função ele exerce em nossa sociedade. É preciso levar em conta que moramos em uma sociedade em que imperam os meios de comunicação de massa. Analisaremos, mais especificamente, a notícia e o jornalismo como um produto de massa por ser esse o objeto principal de nosso estudo.

Em nossa sociedade, grandes corporações produzem conteúdo midiático querendo atingir toda a massa, isto é, todos os setores de nossa sociedade, independentemente de classe, bagagem cultural, etc. Esse conteúdo são todos os temas que o jornal acha relevantes, importantes para o seu público. Nesse caso, a imprensa é o espaço em que os mais importantes acontecimentos ganham visibilidade, é onde se reproduzem, se divulgam e se debatem os principais tópicos da nossa sociedade. Ainda além, a matéria jornalística se torna um dos principais registros de nossa história, pois a materialidade do texto o permite ser referência e fonte de informações sobre nosso tempo.

Porém, para isso ser produzido, alguém tem que custeá-lo: máquinas, papel, profissionais, etc. Para isso poder ser pago, os jornais se organizam como empresas, precisando de investimentos e, também, de retorno financeiro. Logo, fica evidente que os meios de comunicação de massa são mais uma organização com fins lucrativos em nossa sociedade.

Porém, o jornalismo teria como objetivo retratar parte da verdade, relatar os fatos com precisão. Pode-se até dizer que a imparcialidade não existe, mas o fato é que os meios de comunicação de massa adotam essa posição publicamente, mesmo que o interesse básico do jornal seja o lucro de sua empresa. Dentro dessa lógica, a maioria dos jornais depende da venda de espaço publicitário, podendo-se questionar a influência dos anunciantes quando um assunto em pauta for prejudicial à sua imagem. Esses fatos são suficientes para que esses meios se desviem da função original do jornalismo: que assuma a defesa do interesse

coletivo, prestador de serviços, em prol da promoção da cidadania e sinônimo de responsabilidade social, como observa Sodré (apud Barbosa, 2004).

Talvez, sob a égide do mercado e, conseqüentemente, do tratamento da notícia como produto, se configure como desvio propor ao leitor informação de qualidade, onde ele seja autor, sujeito e o beneficiário principal da notícia. (BARBOSA, 2004, p.15)

Essa lógica de mercado e o jornalismo “empresarial” vão além. O produto jornalístico precisa-se destacar, chamar a atenção, se tornar visível e interessante para o público. Isso faz com que matérias incompletas, mal apuradas, possam ser primeira página do jornal desde que possam impressionar e consigam vender mais jornais, procurando gerar mais consumo sem nenhum tipo de questionamento. A prática editorial vai-se pautar em produzir uma notícia que seja mais vendável do que de fato correta, exata, ética.

Preferindo definir o veículo como bom suporte publicitário a bom transmissor de informações, o comunicador é levado a valorizar sempre os ângulos, digamos, publicitários da informação. (SODRÉ *apud* BARBOSA, 2004, p. 15)

Por outro lado, podemos identificar, no jornalismo, fatores que o tornam uma ferramenta ideológica para a manutenção do *status quo*. Se o jornal, como dito anteriormente, é um dos principais espaços onde os temas sociais serão discutidos e legitimados, quem tiver o controle desses meios terá poder e influência na vida política. Pelas necessidades de alto investimento financeiro, a classe dominante é que tem o controle dessas empresas e, por conseqüência, do conteúdo veiculado. Tudo o que for de seu interesse pode ser exacerbado e tudo que for contra seus interesses poderá ser distorcido, diminuído ou, até mesmo, nem “existir”. As idéias e valores presentes no jornal são controlados, ultimamente, por seu dono (classe dominante), que usará aquilo de forma que a ideologia hegemônica continue, a ideologia burguesa.

Quaisquer que sejam os acidentes, os compromissos, as concessões e as aventuras políticas e sejam quais forem as modificações técnicas, econômicas ou mesmo sociais que a história nos traga, a nossa sociedade ainda é uma sociedade burguesa. (BARTHES, 2007, p.206)

Para Barthes, a burguesia é a classe dominante que não quer ser chamada de burguesa. O termo “burguês” é esvaziado e descaracterizado para a construção da idéia de nação. Ao invés de criarem-se valores equivalentes aos de uma aristocracia, separada por princípio e definição do resto da sociedade, o burguês se inclui, junto do resto da sociedade, em uma nação, que, por sua vez, esvazia as diferenças socioculturais existentes entre a classe dominante e a classe dominada. Como Stuart Hall fala em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, a idéia de nação não é composta somente pelas instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso que será transmitido para as pessoas em torno de algo comum.

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um *sistema de representação cultural*. (HALL, 1992, p. 49)

Tudo aquilo que é considerado como parte essencial da construção da idéia de nação será reproduzido diversas vezes, como se o jornal relembresse, constantemente, ao público o que os faz brasileiros. Muitas vezes, isso não estará em texto explícito. Tanto itens mais perceptíveis (bandeiras, uniformes, etc.), quanto de representação cultural (receitas culinárias, festas populares, roupas, atitudes, valores, etc.) estão presentes nos jornais, construindo e realimentando o conceito de nação. Em uma matéria em que a brasilidade seja o foco, encontraremos facilmente esses signos. Muitas vezes, a nação não será o tema de uma matéria, mas, ainda assim, poderemos encontrar esses elementos atuando. Essa repetição de símbolos nacionalistas mostra como que o jornal é um suporte para naturalizarmos essa idéia em nós. Ora, tornar natural a associação de um conceito cultural, construído historicamente, em uma mensagem é a própria definição de mito de Barthes que apresentamos. Logo, o jornal é um espaço privilegiado para divulgação de mitos, e, principalmente, de mitos de construção de identidades nacionais.

Outra forma em que os mitos aparecem bastante nos jornais é através das celebridades. A visibilidade das celebridades e a atenção que atraem as tornam uma boa

estratégia para jornais conseguirem mais leitores. Por mais que revistas como *Caras* e *Contigo* sejam mais associadas ao noticiário de celebridades, jornais “sérios” também veiculam muitas notícias tendo como enfoque a pessoa famosa. É comum, nesse tipo de notícia, que o foco da matéria esteja na celebridade, seja porque algo extraordinário aconteceu com ela ou, ao contrário, algo totalmente comum. Para Edgar Morin, isso constrói o que ele conceitua de novo Olimpo, o local dos deuses contemporâneos:

O olimpismo de uns nasce do imaginário, isto é, papéis encarnados nos filmes (astros), o de outros nasce de sua função sagrada (realeza, presidência), de seus trabalhos heróicos (campeões, exploradores) ou eróticos (playboys, distels). (MORIN, 1962, p. 105)

Um dos motivos para que a celebridade ganhe tanta atenção é a maneira como as pessoas se identificam e se projetam na figura famosa. A celebridade se torna referência dos mais diversos valores sociais, ela ganha um status de padrão perante o público. Muitas vezes, se tornar uma celebridade é encarado como um símbolo de sucesso e realização, uma chegada ao *Olimpo*. Nesses casos, qualquer detalhe revelado ganha peso, pois eles se tornarão virtudes que as tornam especiais. Esse é o fenômeno da projeção, o sucesso alheio, personificado na celebridade, se torna nosso anseio, nosso objetivo. Outra parte importante para entendermos a celebridade é o fenômeno da identificação.

Por mais que, por parte, os noticiários enfoquem o quanto essas celebridades não são iguais a todo mundo, que elas são especiais, os noticiários também mostram o quanto as celebridades são comuns e iguais às outras pessoas. É através dessas características ordinárias que nos identificamos com a celebridade, que nos enxergamos nela. Com isso, se torna possível que o sucesso da celebridade seja o nosso, seja porque a empatia com a pessoa famosa eu me sinta tão bem-sucedido quanto ela, ou porque eu vejo no caminho dela o caminho do sucesso.

Os olímpianos, por meio de sua dupla natureza, divina e humana, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Concentram nessa dupla natureza um complexo virulento de projeção-identificação. Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título os olímpianos são

os condensadores energéticos da cultura de massa. (MORIN, 1962, p.107)

Podemos, então, dividir a figura pública da celebridade em duas partes: uma parte extraordinária, que as destaca e separa da massa anônima, e uma parte ordinária, que as inclui e integra ao resto da população. Não nos podemos confundir e achar que os elementos ordinários de uma celebridade as tornam menos vedete ou celebrável. Os elementos ordinários são tão essenciais quanto os elementos extraordinários na idealização da celebridade. Uma pessoa pode se tornar célebre exatamente por ser o mais comum “possível”, e, exatamente por isso, ter na simplicidade a sua “extraordinariedade”. O foco público nas qualidades, quaisquer que sejam, da pessoa é o que define uma celebridade.

Podemos identificar agora elementos de construção mitológica nas celebridades. Os elementos apresentados anteriormente constroem, a partir da figura célebre, um personagem da narrativa jornalística. Esse personagem terá como atributos tudo que for atrelado à celebridade em questão. Uma espécie de “conceito da celebridade”, que carregaria todos os valores pelos quais a celebridade é conhecida e destacada. Essas qualidades célebres serão atreladas à pessoa física, ou “real”. E essa representação poderá ser ator em uma matéria de um caderno cultural, em uma coluna social ou, até mesmo, em uma matéria das páginas policiais.

A semiologia do mito pode ser construída da seguinte maneira: o signo inicial é a pessoa antes do status de celebridade, formada pelo significante (corpo, pessoa “real”) e um significado (história da pessoa: filho de fulana, aluno de escola X, membro do clube beltrano, etc.). Ao ser celebrizado em um meio de comunicação de massa, o significado original perde valor e um “conceito da celebridade” é injetado, gerando um mito. Mito porque, além de ser um “sistema semiológico segundo”, a relação entre o que a pessoa representa e a própria pessoa é naturalizada, apesar de ser fruto de uma construção midiática sobre aquela pessoa.

2.3 Esporte, celebridades e mitos

A competição esportiva é um ritual muito presente na contemporaneidade. Todos os dias acontecem competições dos mais diversos esportes nos mais diversos níveis ao redor

do planeta. Pode-se afirmar que o esporte competitivo, organizado e internacional, como conhecemos hoje, surgiu no final do século XIX e começo do século XX. A fundação dos órgãos mundiais que orientam e regulam a prática esportiva data dessa época, o COI foi fundado em 1894, e a FIFA em 1904. A ODEPA, responsável pela organização dos jogos pan-americanos, é um braço do COI nas Américas e o ano de sua fundação é 1948. No Brasil, o esporte competitivo surgiu também nessa época. O COB foi fundado em 1914 e a CBD em 1919. Mesmo assim, antes disso, já aconteciam competições esportivas organizadas, principalmente regionalmente.

Nessa época, o esporte aparecia esporadicamente nos noticiários. Porém, à medida que o interesse pelo esporte (principalmente futebol, turfe e remo) crescia, o espaço nos jornais foi aumentando, principalmente nos jornais mais populares. Em algum momento, a crônica esportiva se especializou e uma editoria exclusiva para esporte foi sendo criada na maioria dos jornais brasileiros. Em 1931, começou a circular o primeiro diário dedicado exclusivamente ao esporte, o *Jornal dos Sports*. Hoje, todos os principais jornais do país possuem uma editoria de esportes, existem dois diários esportivos de grande circulação (*Lance!* e *Jornal dos Sports*), se considerarmos apenas os jornais impressos. Podemos então perceber que o esporte é um fenômeno extremamente midiático, fazendo parte da agenda diária de notícias do país.

A cobertura esportiva possui especificidades que a diferenciam de outras editorias. Um dos motivos para isso é a alta carga passional e emotiva com que o esporte é encarado. Além disso, o esporte se tornou um ótimo “celeiro de celebridades”, atendendo a certas necessidades dos jornais, como aponta José Carlos Marques:

O fenômeno da idolatria sempre encontrou na mídia o maior e melhor veículo para sua realização; os meios de comunicação de massa acabam funcionando, assim, como legitimadores de heróis e celebridades, já que também necessitam destes como combustível para o funcionamento de sua engrenagem comercial com o público. Um grande astro, uma estrela do show business, um esportista vencedor – todos eles são fundamentais para colocar em marcha os mecanismos comerciais que movimentam a produção midiática do mundo ocidental. Aqui, uma distinção importante se estabelece entre o ídolo do esporte e o ídolo de outros universos (como da

música, do cinema ou da TV); é a diferença que se cria entre heróis e celebridades (MARQUES, 2005, p. 3).

Ronaldo Helal complementa:

De saída, uma diferença básica entre ídolos do esporte e de outros universos, como música e dramaturgia, se mostrou reveladora. Enquanto os primeiros frequentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente possuem estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, inerente ao universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. (...) Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”. (HELAL *apud* MARQUES, 2005, p.3)

Logo, o jornalismo esportivo precisa e usa como instrumento a construção de ídolos, que representam símbolos e valores que servirão para aumentar o apelo do esporte (e das publicações com espaço destinado ao esporte) com o público. Nesse caso, o esporte se tornará matéria-prima para uma quantidade grande de mitos que carregarão consigo os mais diversos valores sociais. Essa valoração se torna mais importante ainda se considerarmos que elementos da performance do atleta em campo são usados constantemente como exemplos de conduta para o resto da sociedade. A glória ou desgraça de um esportista se torna padrão de vitória ou derrota em outros aspectos da vida.

Essa necessidade está diretamente ligada ao fato do esporte competitivo ser um espetáculo da sociedade de massas. Para entrar no “show” é preciso pagar pelo ingresso. Os “artistas” seguem um “roteiro” para apresentarem os atributos que foram “ensaiados”. O papel da imprensa é relatar e fazer a “crítica” do espetáculo e de todos os seus detalhes.

A diferença, como apontado acima, é o fato do espetáculo esportivo ser sempre centrado na disputa pela vitória entre dois adversários. A competição esportiva ocorrerá até que seja definido um lado derrotado e um lado triunfante. O resultado será uma base importante para a construção do mito, podendo retratar, entre outras coisas, a euforia da vitória, ou a melancolia da derrota. Assim sendo, o resultado pode fazer de um atleta um mito do triunfo, ou um mito da derrota, no instante após o fim da competição. Por outro lado, o valor do resultado nunca é o único fator na construção do mito esportivo. O contexto sociopolítico direciona e cria necessidades que poderão ser assumidas pelo mito.

Essa representação terá uma característica bastante ambígua. O valor construído nessa representação terá um caráter finalizado, completo, atemporal. Pode-se entender isso como o caráter de eternidade do mito: a glória eterna ou o fracasso eterno, simplificando a questão. No esporte, esse mito poderá ser desmitificado e/ou reconstruído diversas vezes, apesar de se apresentar como eterno a cada vez. Isso porque a cada nova competição ou partida, o contexto será diferente (resultado, expectativas, contexto sociopolítico, etc.), fazendo com que as representações míticas sejam alteradas de acordo com as necessidades e oportunidades do jornal no momento.

Isso não significa que um mito necessariamente será modificado, pois certos mitos perduram. Por exemplo, Pelé ainda é referido como o “Rei do Futebol”, “Atleta do Século”. A questão é que, para perdurar, o mito deve ser repetido de uma forma similar ao longo do tempo nos meios de comunicação de massa. Assim, o caráter eterno do mito poderá ser reconhecido, aceito e naturalizado de tempos em tempos. O mito será eterno enquanto durar sua exposição na mídia e o público possa reconhecê-lo.

É importante ver que quem possui o controle dessas representações é a imprensa, e esta age de acordo com as suas necessidades. Por mais que a “inspiração” para um título dado a um jogador possa vir de outras fontes, como a torcida, os próprios jogadores, familiares, etc., a decisão de publicá-las ou não é dos editores do jornal. Nesse caso, o mito esportivo se torna um meio para ser usado pela imprensa como uma ferramenta política e econômica. A construção de ídolos e heróis nacionais possui um apelo emocional e sedutor capaz de transmitir a ideologia hegemônica de uma forma que matérias sobre economia e política não conseguem, podendo ser comparado a estratégias usadas pela publicidade.

Como exemplo da mitificação no esporte sendo usada para fins político-ideológicos, temos o modo de como a seleção brasileira da Copa do Mundo de 70 foi idolatrada e usada como um símbolo de progresso e sucesso do Brasil, desviando a atenção da opinião pública do grave conflito político interno que o país passava durante a ditadura militar. É também possível perceber o aspecto de propaganda ideológica que as matérias cumpriam, apesar de serem um produto jornalístico e não publicitário, como aponta Ricardo Gonzalez, em uma matéria especial para o site Globoesporte.com:

Alguns aspectos aproximavam a seleção brasileira campeã mundial em 1970 do grupo que governava o Brasil naquele ano. Como as

obras grandiosas (belas jogadas no campo e, fora dele, o governo iniciando o projeto de Brasil Grande) e a 'capacidade' de combater os adversários. Sem falar que a seleção foi habilmente usada pelo presidente, o general gaúcho Emílio Garrastazu Médici, como fator de união nacional. Médici recebeu a seleção em Brasília após a conquista no México e fez questão de levantar a taça Jules Rimet". (GONZALEZ, 2005)

A matéria ainda afirma categoricamente:

Na época, quem se insurgiu contra a falsa democracia percebia que a conquista da Copa de 70 seria usada pelos militares como propaganda. (GONZALEZ, 2005)

É possível reforçar agora que o esporte, como um fenômeno de massa, é produzido em uma relação vertical. Isto é, a produção do espetáculo vem de cima para baixo, sem a participação efetiva dos consumidores no produto final. Os interesses da elite permanecem intactos. Isso revela que a organização dos eventos e das organizações esportivas reforça a estrutura de classes. O comando dos clubes de futebol e das confederações representativas de cada esporte está nas mãos de membros da elite. A grande maioria possui eleições para decidir quem será o administrador, mas como o poder de voto só é dado para a classe dominante, o poder fica sempre com a classe dominante. Nos clubes, os sócios são quem podem votar. Nas confederações, são as federações estaduais que, por sua vez, são eleitas pelo voto dos líderes de cada agremiação filiada. Resta às camadas populares se tornarem consumidoras do esporte, ou se tornarem atletas, profissionais que têm a sua mão-de-obra explorada pelos patrões dos clubes e federações.

Em resumo, o esporte e o jornalismo esportivo se apresentam de tal maneira que se reforçam estruturas sociais do interesse da elite. Os instrumentos usados pela imprensa para que isso ocorra incluem exatamente a construção de celebridades e mitos que reforçam os valores dominantes em nossa sociedade.

2.4 O mito brasileiro: construção de valores e identidade nacional

Tendo em vista a apresentação dos conceitos principais que formam o mito, tentaremos agora buscar referências para estudar quais seriam os mais importantes mitos brasileiros contemporâneos. Para poder fazer isso, faremos uma abordagem histórica da

formação do povo brasileiro e das relações de poder entre os grupos sociais do nosso país. Juntamente com esse apanhado histórico, tentaremos traçar os valores culturais e morais predominantes em nossa sociedade que ajudarão a traçar uma identidade nacional.

Para Darcy Ribeiro, a pré-história do povo brasileiro é a “Ilha Brasil”, um local onde havia diversas tribos indígenas espalhadas pelo litoral e interior do território, de um mesmo tronco étnico-cultural, em que as disputas de poder ocorriam entre tribos que não buscavam unificar a todos em um poder central. Porém, a chegada do europeu mudou tudo. Com um grupo pequeno de homens, a coroa portuguesa iniciou uma disputa conflituosa com os índios que daria início a formação do Brasil.

Esse conflito se dá em todos os níveis, predominantemente no biótico, como uma guerra bacteriológica travada pelas pestes que o branco trazia no corpo e eram mortais para as populações indenes. No ecológico, pela disputa do território, de suas riquezas para outros usos. No econômico e social, pela escravização do índio, pela mercantilização das relações de produção, que articulou os novos mundos ao velho mundo europeu como provedores de gêneros exóticos, cativos e ouros”. (RIBEIRO, 1995, p.30)

Pode-se dizer que essas transformações que ocorreram em nosso território são frutos de uma necessidade econômica de Portugal e que o modo como os portugueses organizaram a produção foi decisiva para o que depois viria a se tornar o Brasil. É válido reforçar que a vinda do negro como escravo teve papel importante na formação do novo país.

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver gentílico, os negros trazidos da África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas”. (RIBEIRO, 1995, p.30)

É importante dar ênfase ao fato que o brasileiro foi surgindo à medida que os povos europeus, africanos e indígenas foram-se desprendendo de seus referenciais originais e criando novos referenciais de acordo com os diversos fatores que os influenciavam aqui. Isto é, o negro foi-se tornando brasileiro à medida que deixava de ser africano, o português, à medida que deixava de ser europeu, e o índio, à medida que deixava de ser o habitante original.

Essa miscigenação étnico-cultural não levou ao que poderíamos chamar de gestação de um brasileiro médio, uma mistura homogênea desses elementos. O brasileiro seria aquele que é fruto de uma mistura cultural específica ocorrida em nosso território, podendo ser o mulato, o caboclo, o mameluco, o índio, o negro, o branco, etc. Os graus de influência de cada uma das etnias e culturas são diferentes. Os brancos eram a elite e tinham o poder, os possibilitando forçar certos aspectos culturais na organização do país. Por exemplo, a hegemonia da língua portuguesa, da religião católica, dos latifúndios, etc. Logo, desde a colonização, as classes sociais e as etnias se confundem. Em resumo, o brasileiro é uma mistura cultural heterogênea no todo e em cada um, de acordo com o que cada um está submetido.

Essa noção ajuda a entender como se formou o país e o povo, mas não dá uma idéia completa de que valores e costumes formam a identidade brasileira. No início do século XX, Gilberto Freyre foi um dos que buscou estudar os elementos e símbolos que formavam a identidade nacional. Em seu livro “Casa Grande & Senzala”, o autor afirma a miscigenação como parte positiva da criação da identidade nacional, pois essa mistura é o que nos faz únicos, juntando as características de todos os povos que vieram ou formam forçados a viver aqui, mais a contribuição dos índios nativos. Freyre também foi um dos primeiros acadêmicos a buscar entender o papel que o futebol estava tomando para a formação do Brasil, como é mostrado em um artigo de Tiago Maranhão:

Atento ao processo de massificação do chamado esporte bretão e, principalmente, à integradora mistura de raças e classes sociais que ela promovia nos gramados, Gilberto Freyre não deixa de mencionar já em *Sobrados e Mucambos* (livro que, como o próprio Freyre diz em seu prefácio, é a continuação dos estudos apresentados em “Casa-Grande & Senzala”), publicado em 1936, “a ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro entre os atletas, os nadadores, os jogadores de foot-ball, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços”. Vista no contexto do livro, esta tímida observação do autor, mais que constatar um fato que vinha ocorrendo há pelo menos duas décadas, sugere que tal ascensão do mulato no meio originalmente elitista e europeizado do nosso futebol implicava uma significativa mudança na forma de praticá-lo aqui nos trópicos: o seu abasileiramento. (MARANHÃO, 2004, p.1)

O futebol acabou sendo ponto de partida de diversas mudanças sociais. A *deselitização* do futebol acabou por juntar brancos e negros nos times e, também, nas torcidas dos clubes. O estilo de jogar e também o de torcer se tornou um valor em comum que unificava setores da sociedade, ajudando a criar a identidade nacional. No prefácio do livro do jornalista Mário Filho “*O Negro no Futebol Brasileiro*”, Freyre afirmou que a guerra era um elemento que costumava reunir os símbolos nacionais. O futebol acabou ocupando esse espaço no Brasil:

E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumindo formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. (FREYRE, apud FILHO, 1947, p.24)

Essa sublimação a que Gilberto Freyre se refere, a substituição da guerra pelo esporte, pode ser também encontrada em determinados termos do futebol: o atacante que marca mais gols é o *artilheiro*, um chute forte é um *canhão*, um goleiro vazado pelo adversário é *fuzilado*, o defensor com mais responsabilidade é o *xerife*, as virtudes técnicas e táticas de um jogador ou time são as *armas* usadas para vencer e, muito simbólico e explicativo, o título dado ao líder oficial de uma equipe em uma disputa é *capitão*, uma patente da hierarquia militar. Nesse caso, o futebol assume, no Brasil, um papel semelhante ao que o mito clássico possuía nas sociedades antigas, como descrito por Joseph Campbell.

Freyre resume essa análise do estilo de futebol jogado no Brasil como expressão de nossa nacionalidade em uma oposição de dois termos usados anteriormente pelo filósofo alemão Nietzsche: *apolíneo* e *dionisíaco*. *Apolíneo* seria o estilo de futebol dos europeus, formal, racional, ponderado; e *dionisíaco* seria o estilo característico da brasilidade individualista, emocional, impulsivo, característico da nossa índole mulata, miscigenada. Mário Filho foi além e usou os termos de Gilberto Freyre para caracterizar dois jogadores negros, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, enquanto ambos jogavam para o Flamengo.

Para o jornalista, é possível constatar como que um jeito de cada um de jogar futebol mudava seu apelo com os torcedores.

Talvez porque o que Leônidas fazia fosse mais brasileiro, estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos. Como o samba. Toca-se um samba, seja onde for, só se vê gente gingando o corpo.

Domingos gingava o corpo, mas não se desmanchando todo, como Leônidas. Dançando o samba, jogando o futebol. A sobriedade de Domingos chocava como uma coisa vinda de fora. Da Inglaterra. Tanto que quando se queria dar uma idéia de Domingos vinha-se logo com futebol inglês. O futebol inglês como a gente imaginava. Pelas anedotas de inglês tão do gosto do brasileiro. O inglês frio, inamovível.. (FILHO, 1947, p.216)

O jornalista completa:

De uma certa forma Domingos foi o Machado de Assis do futebol. Inglês por fora, brasileiro por dentro. Sobretudo carioca. Quanto mais se esforçava para ser inglês, mais Domingos se traía como carioca. Como o velho Machado. O mulato de pince-nez, de barba de Ministério do império, o preto de fala macia, arrastada, com o seu passo de malandro, de samba de breque. (FILHO, 1947, p.217)

Domingos da Guia era o negro controlado, ponderado, comedido nos movimentos, um *apolíneo*. Leônidas era o negro da ginga, do drible, da malandragem, um *dionisíaco*. O público se identificava e idolatrava mais o “Diamante Negro” por ele ser o ápice da brasilidade com seu jogo “malandro”. É importante reparar que Domingos também era um jogador reconhecido e aclamado por suas qualidades e títulos. Porém, o seu jeito menos extravagante o fez menos ídolo, menos mitificado. Leônidas era quem agregava mais elementos e valores que o público preferia.

Esses valores apresentados resumem bem o que seria o brasileiro na representação que se faz dos atletas. Porém, o Brasil mudou, se industrializou, urbanizou e também acabaram mudando certos valores. Em outras palavras, a noção de nacionalidade mudou, assim como o Estado mudou.

Apesar de a representação do brasileiro através de seu gingado, de seu aspecto malandro ainda representar um papel importante para a identidade nacional, também se retrata os males que isso acarreta. O malandro principalmente, pois a noção de querer o bem próprio através da malandragem (*dionisíaca*) também é associada a condutas amorais,

como a corrupção, problema crônico dos governos. Além disso, a modernidade, o “Brasil indo para frente”, o progresso pode ser associado a uma idéia de um país mais lógico, racional (*apolíneo*). Nos jornais, isso acarreta em construções de representações que em momentos valorizará aspectos *dionisíacos* do Brasil e em outros momentos valorizará aspectos *apolíneos* do país. Isto demonstra o caráter ambíguo e fragmentado da identidade brasileira, que é trabalhado por Stuart Hall ao falar genericamente das identidades nacionais. O autor afirma que a cultura nacional se equilibra entre a tentação de voltar a glórias passadas e o impulso de avançar ainda mais em direção ao progresso. Logo, a ambigüidade *apolínea* e *dionisíaca* do discurso nacional é tão brasileira quanto qualquer dos elementos de origem de nossa cultura.

São essas construções descritas anteriormente que procuramos nas matérias dos jogos pan-americanos do Rio de Janeiro. Assim, poderemos identificá-las e buscar entender o que dizem e que tipo de discurso é valorizado.

3. ESTUDO DE CASO DE ATLETAS BRASILEIROS NO PAN

Depois de abordar os conceitos que irão nortear o estudo, chega o momento em que os objetos de estudo serão apresentados. Será feita uma análise da cobertura do Diário Lance! para os feitos de três atletas, principalmente: Diogo Silva do taekwondo, Thiago Pereira da natação e Hugo Hoyama do tênis de mesa.

A escolha desses três atletas não foi aleatória. Todos os três conquistaram medalhas de ouro que representaram mais do que uma simples conquista pan-americana. Foram conquistas que tiveram algum tipo de legado especial para a imprensa e o esporte brasileiro. Diogo conquistou a primeira medalha de ouro brasileira no pan, depois de tentativas frustradas anteriores. Thiago quebrou o recorde de número de medalhas de ouro em apenas um pan-americano. Já Hugo se tornou o atleta brasileiro com o maior número de medalhas de ouro na história de todos os pan-americanos.

Buscaremos analisar como as representações desses atletas e seus títulos foram construídos e que tipo de valores e elementos de identificação são apresentados. Como o Brasil e a brasilidade são aspectos muito presentes nas matérias do jornal, se torna importante questionar e buscar entender que tipo de identidade nacional é construída nessas

matérias. Também é importante ver o impacto social que essas trajetórias representam, além de entender os aspectos ideológicos que são reforçados nas matérias.

Para isso, precisaremos fazer dois tipos de leitura: uma que irá abordar o mito e encontrar as estruturas semiológicas que o constrói, desmitificando-o; a segunda irá buscar entender como esses mitos se encaixam na realidade brasileira, construindo e desconstruindo valores sociais. A primeira leitura irá usar o método de análise de Barthes das figuras míticas e como se naturalizam conceitos artificialmente criados. A segunda irá aceitar a naturalização desses mitos para buscar um entendimento histórico e ideológico das matérias do jornal.

3.1 Diogo Silva: o herói do povo

Diogo Silva é um atleta brasileiro praticante de taekwondo. Nos jogos pan-americanos do Rio de Janeiro, ele conquistou a medalha de ouro na categoria masculina até 68 kg. A princípio, sua conquista não teria nenhuma importância a mais do que outras conquistas de medalha do Brasil. Porém, a cobertura da imprensa aumentou o valor que aquela conquista representava por causa de uma expectativa criada pela obtenção da primeira medalha de ouro do Brasil.

A própria imprensa é parte responsável pelo clima de espera. No dia da vitória de Diogo (15 de julho de 2007), a capa do diário Lance! ilustrou essa expectativa através de alguns elementos. A manchete principal e o subtítulo eram:

CHEIRO DE OURO

BRASIL fica muito perto do lugar mais alto do pódio. Nas águas, Poliana vê ouro escapar por menos de um segundo. Nos tatames, dupla de irmãos faz revezamentos por medalhas” (Lance!, 15 de Julho de 2007, capa)

Pode-se dizer que essa manchete não considera os feitos desses atletas como uma glória completa, a realização. Ambos conseguiram a medalha de prata, segundo maior feito possível nas respectivas competições. Porém, ainda não é a medalha de ouro, o maior símbolo de conquista e sucesso na trajetória de um atleta na competição.

As fotos escolhidas para ilustrar isso reforçam essa idéia. Ambos estão mostrando a medalha de prata com um semblante sereno, até mesmo um pouco frio. Poliana está com um leve sorriso educado e o atleta dos tatames, Márcio, está com o semblante fechado, sem sorrir. Nenhum dos dois aparenta estar triste, mas a imagem também não passa a sensação de uma grande conquista, um grande feito.

Na parte de cima da capa, há uma chamada para a notícia sobre a ginástica artística. Nesse dia, os atletas brasileiros conquistaram duas medalhas de prata por equipe, mas a chamada apenas diz: “Com lesionados, ginástica leva duas pratas”. Uma das imagens que ilustram é o técnico da seleção brasileira de ginástica consolando a ginasta Daiane dos Santos. Também não se encontra um signo de realização, de sucesso.

As matérias do interior do jornal descrevendo com mais detalhes os acontecimentos dessas competições têm em foco exatamente como os brasileiros ficaram no “quase”, chegaram perto, mas não foram heróis completos, não completaram a sua jornada. Poliana perdeu a prova de natação, que durou mais de duas horas, por centésimos de segundo. Já Márcio, do Taekwondo, conseguiu empatar depois de uma grande desvantagem na luta final, mas perdeu depois da prorrogação na decisão dos juízes. Essas matérias, apesar de serem de esportes diferentes, estavam na mesma página e a manchete retratava os dois feitos com: “POR UM TRIZ”. Além disso, o subtítulo do taekwondo reforçava isso:

Márcio Wenceslau deixa escapar ouro no taekwondo e fica com a prata, que poderia ter sido do irmão dele (Lance!, 15 de Julho de 2007, pág. 9A)

No caso da ginástica, se deu maior atenção às contusões e erros que impediram a conquista da medalha de ouro por equipes, tanto no masculino, quanto no feminino. No masculino, a equipe brasileira não ganhou a medalha de ouro por uma diferença de três décimos de ponto. O jornal diz que, se Vitor Rosa não tivesse cometido um erro que o fez fraturar o pé e tirou um ponto do Brasil na competição, teríamos ganhado a medalha de ouro.

Aqui se pode iniciar uma discussão interessante. Vitor quebrou o pé na apresentação no solo, o que o fez pisar fora da área de apresentação, descontando o ponto que “tirou” a medalha de ouro do Brasil. Porém, a competição não havia terminado nesse ponto, Vitor

competiu em mais quatro aparelhos com a fratura o prejudicando. O jornal poderia ter focado a superação do atleta que conseguiu contribuir para a equipe, mas o que se construiu foi o valor de derrota em virtude de um erro. Declarações dos próprios atletas foram usadas para mostrar que os próprios atletas se sentiram da maneira que o jornal quis mostrar. Diego Hipólito disse:

A gente tinha possibilidade de ouro. Então, nós todos sentimos muita decepção (Lance!, 15 de Julho de 2007, pág. 5A)

O jornal juntou o relato de atletas e competições diferentes, que ocorrem separadamente e não se influenciam diretamente para construir um mito: o Brasil dos jogos pan-americanos do Rio quase chegou ao sucesso, mas ainda não chegou lá. Aqui podemos ver uma construção específica para representar o país inteiro. O jornal como um todo e suas matérias juntaram atletas que se prepararam separadamente, competiram em modalidades diferentes e os juntou em uma unidade mítica e simbólica: o Brasil. Para completar, esse Brasil ainda não havia sido vencedor, pois não tinha ganhado a medalha de ouro, e todos estavam aguardando.

Visto que o Diário Lance! criou uma imagem de que os brasileiros estavam à espera da conquista, desejando a primeira medalha de ouro, podemos entender melhor a cobertura dos feitos de Diogo Silva. No domingo em que o jornal saiu com as histórias do “quase ouro”, ocorreu a competição que Diogo venceu, além de duas conquistas de seleções brasileiras fora do Pan: a seleção masculina de futebol venceu a Copa América dos rivais argentinos e a seleção masculina de vôlei venceu, pela sétima vez, a Liga Mundial de Vôlei.

No jornal de segunda-feira, 16 de julho, a capa do diário construiu uma imagem totalmente diferente para o Brasil. Na capa temos três imagens: o jogador de futebol Robinho segurando a bandeira do país de braços abertos e um sorriso escancarado; a seleção brasileira de vôlei comemorando em conjunto no pódio; e Diogo Silva emocionado no pódio. Iremos fazer uma análise mais detalhada de Diogo mais à frente. Além disso, no meio do jornal, pode-se ver a bandeira do Brasil servindo de fundo para a manchete: “PÁTRIA AMADA”, em letras muito grandes. Os subtítulos de cada esporte também são bem simples e simplificavam o que era a conquista: “BI” (seleção de futebol bi-campeã da Copa América de Futebol), “7 VEZES CAMPEÃ” (seleção de vôlei sete vezes campeã da

Liga Mundial de Vôlei), e “PRIMEIRO OURO” (Diogo Silva campeão no taekwondo dos jogos pan-americanos).

Essa capa é bastante simbólica. As três conquistas estão unidas em um conceito que as define “naturalmente” como uma só conquista, a da pátria amada do Brasil. Os atletas que estão representados nas fotos se tornam os heróis da nação brasileira, os que “*redimem a nossa sociedade*”. Podemos identificar, no objeto de pesquisa, uma construção semiológica mítica. Três mensagens que já possuíam um sentido por si só, o bi do futebol, o hepta do vôlei e o primeiro ouro do pan se tornam objeto para uma segunda significação: o triunfo da nação brasileira.

Especificamente no caso de Diogo Silva, o objeto de estudo principal desse subcapítulo, podemos ver mais sinais dessa construção mítica. O atleta foi fotografado na cerimônia do pódio, onde os vencedores são “coroados”, com a mão no coração. Pela diagramação, os seus olhos estão direcionados para cima, como se estivessem olhando para a bandeira do Brasil com a manchete “Pátria Amada”. A imagem da mão no coração reforça ainda mais a legitimidade da mensagem do amor pela pátria, escolhido para ser a manchete. Possivelmente, era o momento em que era tocado o hino nacional, pois a mão no coração é um gesto comum feito por atletas no momento do hino. Mesmo que fosse outro momento, a leitura da mão no coração como o momento do hino pode ser feita pelo leitor, que reforçaria ainda mais a construção da imagem da representatividade nacional da conquista.

Além disso, o seu semblante emocionado valoriza o significado pessoal da conquista, procurando causar emoção e identificação no leitor e atraí-lo para o jornal. Essa construção de uma mensagem que busca emocionar o leitor com um propósito de venda é mais facilmente visto em peças publicitárias. Porém, aqui, o jornalismo usa uma construção de significados míticos semelhantes à da publicidade para aumentar as vendas do produto jornal.

Se formos comparar com a capa do dia anterior, que reforçava a significação da falta de uma conquista da “nação”, pode-se identificar a construção de um mito que segue um caminho pelas matérias do jornal, quase como uma narrativa fragmentada. O Brasil lutou e quase conseguiu uma conquista na sexta, mas ainda estava frustrado. No dia

seguinte, o Brasil se redime e recebe a esperada primeira medalha de ouro, através de Diogo Silva.

A matéria completa dentro do jornal corrobora as visões apresentadas na capa e constrói outros mitos que buscam identificá-lo ainda mais com o leitor comum do jornal. A página inteira é dedicada a Diogo. Na parte de cima, temos uma foto dele ocupando quase metade do espaço. Na foto, ele ainda está vestindo os equipamentos de competição, comemorando o título e segurando uma bandeira do Brasil. O uniforme usado na competição é a sua roupa de “guerra”, que mostra a sua condição de atleta em disputa. Como não tem nenhum grande símbolo do país visível na roupa, a bandeira exerce a função de reiterar a representatividade da conquista. A manchete o qualifica: “DIOURO SILVA”, o atleta feito de ouro para o Brasil. E o subtítulo da manchete resume o seu feito:

Com salário de R\$ 600 por mês, Diogo Silva conquista primeira medalha de ouro do Brasil no Pan do Rio. (Lance!, 16 de Julho de 2007, pág. 10A)

Nessa página, é possível ver o esforço em fazer de Diogo um herói vindo do povo. A imagem de brasileiro orgulhoso já foi passada na capa e na foto que ilustra a matéria. O subtítulo fala sobre a sua superação: mesmo com um salário baixo, ele conseguiu uma grande conquista. Além de ser mostrada a renda baixa, ele é negro, como a maioria do povo de baixa renda do Brasil. No corpo da matéria, a sua trajetória esportiva é resumida como um caminho cheio de provas e sem recompensas, que havia falhado até então, inclusive nas Olimpíadas de Atenas. Porém, mesmo com pouco dinheiro, sem incentivos governamentais, ele foi capaz de grandes feitos e de se tornar um vitorioso.

Temos outros elementos que reforçam essa construção do herói do povo. As dificuldades superadas se tornam os ingredientes para torná-lo um exemplo de conduta, de virtudes. Uma declaração de Diogo foi usada para retratar essa necessidade de exemplos de conduta:

– No bairro onde morei por muitos anos, o maior exemplo era quem segurava uma arma. Tenho muitos amigos que seguiram neste caminho. Mas, hoje, eu sou um ponto de referência e o Brasil precisa de exemplos assim. (Lance!, 16 de Julho de 2007, pág. 10A)

Aqui, a declaração deixa claramente de ser algo de cunho esportivo, fazendo prevalecer o aspecto social. Diogo era pobre, mas, através de suas virtudes, ele conseguiu escapar do mundo do crime e se tornar um exemplo de sucesso e conquista sem se tornar um criminoso. Mais do que isso, ele se considera um exemplo bom, que servirá para inspirar outras pessoas a não entrarem no mundo do crime, pois elas podem ter sucesso de outras maneiras. Ele é o caminho da virtude para evitar o aumento da criminalidade.

Uma outra pequena matéria apresenta mais elementos que identificam a sua condição de brasileiro comum. A matéria com o título “Mãe dá sorte e tio promete feijoada” nos mostra elementos populares relacionados à vida de Diogo que o jornal quis mostrar. A feijoada é o prato símbolo da culinária brasileira, típico em todas as regiões do Brasil, além de ser conhecida como um ritual popular de confraternização. A comemoração do título terá feijoada, pois o vencedor foi tipicamente brasileiro.

Diogo Silva se torna nessas matérias uma celebridade. Suas virtudes de atleta e brasileiro são apresentadas como as virtudes que o fizeram célebre e bem-sucedido, que o destacaram da massa anônima. Ao mesmo tempo, o jornal mostra as características comuns e cotidianas que fazem dele igual ao resto da massa. Por causa do contexto social construído pelo Pan e retratado nos jornais, sua brasilidade é o que mais é destacado na cobertura jornalística. Ele se torna uma representação de Brasil aplicada em uma pessoa, uma figura mítica do Brasil.

Apesar de Diogo ter-se tornado um mito de um valor moderno, o nacionalismo, o seu fenômeno de mídia é contemporâneo. Por causa da intensa cobertura de mídias eletrônicas (internet, TV aberta e TV fechada) sua imagem percorreu o país praticamente instantaneamente. Ele virou celebridade “do dia para a noite” e, depois dos jogos, foi perdendo espaço na mídia. Somente quando seus atos interessarem aos jornais é que Diogo ganhará espaço na imprensa, dando o controle do mito de Diogo Silva para a direção dos jornais. Logo, o atleta é mais um personagem mítico da indústria cultural, construído pela mídia noticiando os seus atos no esporte. O jornal transforma a imagem dele em padrão de conduta exemplar do Brasil, um modelo de indivíduo idealizado a ser seguido.

3.2 Hugo Hoyama: o herói multiétnico

Hugo Hoyama é um atleta brasileiro praticante de tênis de mesa. Nos jogos pan-americanos, ele obteve a medalha de ouro na competição por equipes e a medalha de bronze na competição individual masculina. A conquista do título por equipes representou a sua nona medalha de ouro, fazendo com que ele se tornasse o atleta brasileiro com o maior número de medalhas de ouro na história dos jogos pan-americanos.

A equipe brasileira de tênis de mesa foi composta por três atletas no pan do Rio: Thiago Monteiro, Gustavo Tsuboi e Hugo Hoyama. Porém, a cobertura do Diário Lance! focou apenas a marca atingida por Hugo Hoyama, e não a conquista da equipe. A cobertura preferiu explorar a imagem da celebridade e, por causa disso, a conquista da equipe se tornou a conquista de Hugo.

Na capa do jornal do dia 25 de julho, a manchete principal diz: “HUGOLDENBOY HOYAMA”, com o subtítulo: “VITÓRIA sobre argentino garante a nona medalha de ouro do mesa-tenista em Pans. Ele supera Gustavo Borges como maior vencedor na história do país”. Não há menção alguma à equipe brasileira, apenas se glorifica Hugo Hoyama. Assim como aconteceu com Diogo (DIOURO SILVA), se fez um trocadilho do nome do atleta com a medalha de ouro, como se o ouro de sua medalha fosse uma característica de Hugo.

A foto da capa reforça a imagem da conquista individual. Hugo está com um semblante emocionado sendo jogado para cima por alguns companheiros da delegação brasileira. No primeiro plano, temos duas pessoas de costas para o fotógrafo ajudando a jogar o atleta para o alto. No casaco de ambos está bem legível e enquadrado “BRASIL”. Dessa maneira, pode-se ver que, mesmo a conquista sendo individual, é uma conquista “apoiada pelo Brasil”. O gesto de jogá-lo para cima representa a glória personificada, a redenção de Hugo. Assim sendo, toda a história da carreira de Hugo é suprimida, o mitificando como o atleta brasileiro mais bem-sucedido em pans. Em outras palavras, o que essa medalha de ouro representa de mais importante para o público brasileiro não é a conquista da equipe, mas a superação de uma marca histórica pelo atleta.

A página no interior do jornal dedicada à competição possui o mesmo foco da capa, a glorificação de Hugo Hoyama. A única menção aos resultados da competição está no menor quadro da página, contendo apenas os placares das partidas. Um quadro no canto inferior esquerdo da página enumera todas as medalhas que o atleta havia conquistado até o momento (ele ainda conquistaria uma medalha de bronze na competição individual). Um

quadro no canto inferior direito mostra uma matéria antes do pan de 2003, realizado em Santo Domingo, República Dominicana, retratando exatamente a busca para se tornar o atleta brasileiro com mais medalhas de ouro, usado como critério para definir o atleta mais vitorioso. Na época, o nadador Gustavo Borges estava empatado em número de ouros com o mesa-tenista, sete cada um. Na competição de 2003, cada um ganhou mais uma medalha de ouro. Gustavo Borges se aposentou, mas o jornal enfatizava “Borges fez questão de acompanhar a façanha de Hugo, festejando a façanha ao lado do recordista”.

Isso mostra um caráter essencial da conquista. O fato de Borges se solidarizar com Hoyama mostra que não há egoísmo para se tornar o maior vencedor de medalhas de ouro, mas que a conquista individual de Hugo ajuda a elevar o esporte brasileiro como um todo, tornar o esporte brasileiro mais vitorioso. O texto, do lado esquerdo desse quadro, mostra isso. O presidente da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa declara “Estamos preparando uma grande festa para o sábado. Vamos homenageá-lo com uma placa e tudo a que tem direito”. Nesse caso, o jornal mostrou o reconhecimento e homenagem que se deve ao atleta por suas conquistas, mostrando novamente que o mito é Hugo Hoyama, mas que suas conquistas são importantes para, no texto citado, o tênis de mesa do Brasil.

A matéria principal da página é focada na torcida e estado emocional do pai e da noiva do atleta. Os acontecimentos da partida em si não são retratados, nenhum ponto ou jogada é descrita. Assim como na capa, as partidas dos outros atletas também não recebem nenhum tipo de relato. O nervosismo do pai e da noiva, retratado na matéria, é característico de matérias focadas na celebridade que mostram o aspecto comum às massas da figura célebre. Uma ferramenta que busca criar identificação da figura mítica com a população, que pode comparar a experiência da família de Hugo com experiências que ocorreram na vida do leitor.

Já a manchete principal e a maior foto mostram o caráter de identidade nacional que está na grande maioria das matérias do jornal. A manchete “Chu*, Hugo!” é ainda mais simbólica, pois explicita um caráter muito retratado sobre o povo brasileiro: a miscigenação étnica e cultural. O jornal explica o que significa o termo “Chu, Hugo”: Isso, Hugo! Em japonês, país de origem dos ancestrais de Hugo Hoyama. A expressão, propositalmente escrita em japonês, valoriza a ancestralidade do atleta e afirma a gratidão pela sua

contribuição ao Brasil. Hugo é representado como mais uma das “caras” culturais do Brasil, e essa qualidade é valorizada pelo jornal.

A foto escolhida não deixa dúvidas de que Hugo é brasileiro. Ele está vestido com a roupa da delegação, que possui diversos símbolos representando o país, e segura a bandeira do Brasil em sua mão, fazendo um gesto comum a quem está comemorando uma vitória. Logo, Hugo é coberto de Brasil e seus traços de descendência oriental apenas se mostram como mais uma cara “mestiça” do país. Inclusive, é explicitado no corpo da matéria que o pai de Hugo nasceu em São Bernardo do Campo, mostrando que a família criou raízes no Brasil.

Hugo não foi capa do jornal em nenhum outro dia do pan. Ele apareceu em mais algumas poucas edições. Na sexta-feira, 27 de julho, o tênis de mesa ocupou dois terços de uma página, aproximadamente. Nesse dia ocorreriam as quartas-de-final da competição individual masculina, só que se preferiu dar destaque ao jovem Gustavo Tsuboi. A pauta deu preferência a uma história inusitada. O adversário do brasileiro, Lin Ju (atual campeão pan-americano e favorito ao título), treina no mesmo local que o brasileiro, só que eles nunca batem bola juntos, prática comum entre mesa-tenistas. A manchete da matéria questiona se o adversário estaria com medo de treinar com o brasileiro, só que a própria matéria se “desmente” e mostra que a proibição não vem do jogador.

Já Hugo não tinha mais nenhum recorde para quebrar, não era favorito à conquista da medalha de ouro e nem tinha um grande desafio em sua próxima partida. A matéria em que é citado não possui foto ilustrando e ele divide o espaço com Thiago Monteiro, que estava em uma situação muito parecida na competição. Poucos elementos de apelo para o jornal se apresentavam e o mito de Hugo Hoyama foi deixado um pouco de lado.

No dia 28 de julho, o foco estava dividido entre os atletas e Hugo foi o único que não possuía foto. O foco da matéria estava nos outros dois atletas da delegação. Restou a Hugo uma nota no canto direito da página comentando o fato de ter garantido mais uma medalha ao ganhar a sua partida das quartas-de-final, já que ambos os perdedores das semi-finais recebem a medalha de bronze.

Se nos dias 27 e 28 o espaço do tênis de mesa foi compartilhado entre os atletas brasileiros, no dia seguinte, a cobertura feita do esporte seria praticamente toda dedicada a Hugo. Assim como nos dias anteriores, o espaço não chegava a uma página inteira. O título

da matéria é “Choro de Despedida”, se referindo à última partida de Hugo em jogos pan-americanos. A matéria começa dizendo “Uma despedida sempre é dolorosa e sofrida. Ontem, para o mesa-tenista Hugo Hoyama não foi diferente”.

Hugo conseguiu ganhar a medalha de bronze, mas o foco é na sensação de derrota, tristeza por causa da derrota e a melancolia por causa do adeus. A imagem escolhida para ilustrar reforça isso. Hugo está chorando com a cabeça baixa e uma toalha enxugando suas lágrimas. As declarações de Hugo não concordam totalmente com o jornal. Na matéria, ele explica que o choro não tem relação com a derrota, é apenas a emoção pela despedida. Além disso, em uma entrevista localizada abaixo da matéria, ele declara que sai com a sensação de dever cumprido. Porém, o jornal não passa a ideia de uma finalização de carreira vitoriosa, a sensação de dever cumprido a que o atleta se refere, foca apenas na melancolia.

Em outra foto da página vemos Hugo e Thiago Monteiro mostrando a medalha de bronze que cada um conquistou na competição individual. De forma muito parecida com a capa do dia anterior à conquista de Diogo Silva, em que o Brasil ficou no “quase”, o semblante dos dois atletas está fechado, em um momento fora do pódio (associado aos momentos de glória). Apesar de estarem com seus uniformes da delegação, os símbolos nacionais, como bandeiras e o nome do país, estão escondidos, levando a crer que aqui o Brasil não era da parte “derrotada”.

Uma informação interessante é que Thiago (melhor posicionado no *ranking* mundial na época) teve um desempenho idêntico a Hoyama, uma medalha de ouro por equipe e bronze no individual, só que ele quase não teve espaço algum, foi ofuscado. Por causa do mito criado em torno de Hugo, o atleta brasileiro de melhor performance não teve glórias ou méritos apresentados no jornal. O motivo disso é que sua imagem não era tão conhecida quanto a de Hugo, nem ele estava quebrando recordes históricos, portanto não chamava a atenção que o jornal queria, não era sedutor comercialmente.

Em uma matéria abaixo, discute-se algo bem contemporâneo. Os jogadores que venceram a medalha de ouro (Lin Ju) e de prata (Liu Song) na competição individual do tênis de mesa são ambos nascidos na China, apesar de terem se naturalizado dominicano e argentino, respectivamente, para poderem jogar o pan. Todas as vezes que o jornal se referiu a algum deles, explicou-se que eram chineses naturalizados. Logo, temos uma

evidência da construção de identidade fragmentada que Stuart Hall conceituou. Além disso, essa ambigüidade de nacionalidade é vista como algo negativo. O título da matéria é “Naturalização em xeque para o futuro”, e o presidente da Federação Internacional de Tênis de Mesa, Adham Sahara, mostra o que pensa dessa situação: “Fico triste de ver uma final de pan entre dois chineses. Estive nos jogos africanos e o campeão foi um atleta do Congo, que nasceu na China”. O presidente ainda descreve medidas que gostaria de tomar para evitar esse tipo de atitude: “Penso em criar um limite de idade. Se o atleta se mudar para o país antes dos 15 anos, tudo bem. Se ocorrer entre os 15 e 21 anos, ele terá de esperar seis anos, e acima de 21 anos será proibido”. Nesse caso, o critério esportivo quer desconsiderar a naturalização por considerá-la uma manobra injusta. A identidade do atleta, fragmentada entre sua origem e o local onde foi viver, considera a origem mais importante para a representação do atleta. Essa discussão vai muito além, mas os motivos que levam a isso não possuem espaço nem tanta relevância para esse estudo. Porém, somente pela maneira como foi abordada pelo jornal, a construção de identidade desses atletas é mitificada. Ambos são os chineses naturalizados, que possuem sua legitimidade nacional contestada justamente quando os atletas brasileiros são prejudicados por isso.

No mesmo dia, em uma seção comemorativa dos 10 anos completados pelo diário, foi escolhido que Hugo falasse de sua edição de jornal inesquecível. O mesa-tenista escolheu a matéria que foi escrita no dia seguinte em que conquistou a sua oitava medalha de ouro em pans, em 2003. A marca era o recorde isolado na época, pois Gustavo Borges só viria a empatar com Hugo dias depois. A manchete da matéria era “Gigante de Ouro” e Hugo agradece a designação de menino de ouro do Brasil que o jornal havia dado a ele. O jornal utilizou o mesmo lugar-comum, “menino de ouro”, em 2003 e 2007 para descrever Hugo. A matéria foi escrita pelos mesmos motivos e de maneira muito parecida, reaproveitando um mito já criado.

Esse fenômeno de mídia que se construiu com Hugo Hoyama é bastante relevante. Por causa de suas marcas em pan-americanos, a imagem de Hugo possui muita importância em épocas dessa competição, mas a falta de conquistas em olimpíadas e campeonatos mundiais e o fato do tênis de mesa não ser um esporte massificado faz com que o espaço do atleta na mídia se reduza em outras épocas. Isso permite uma discussão interessante, pois Hugo seria uma espécie de celebridade cíclica, que tem sua imagem explorada na imprensa

somente quando se cria um mito a partir de suas medalhas. Fora dessa época ele não é um atleta glorificado, se torna apenas mais um atleta de um esporte pouco difundido, perdendo sua aura célebre em nível nacional. A imprensa explora ao máximo a sua imagem quando a visibilidade aumenta, através das conquistas e presenças no pódio, para chamar a atenção e vender os jornais.

As outras conquistas da carreira de Hugo não possuem a mesma visibilidade e a imprensa para de acompanhar os passos do atleta. Porém, quando os próximos jogos pan-americanos se aproximam, seu apelo aumenta novamente e sua imagem é novamente explorada nas matérias do jornal. O quadro junto de Gustavo Borges citado anteriormente confirma isso. Hugo teve espaço na revista do jornal por causa da marca de maior número de medalhas de ouro que possuía em conjunto com o nadador, mesmo motivo que o fez aparecer na matéria do pan de 2007. O próprio espaço dado a Gustavo Borges também mostra isso, já que o motivo de ele ter aparecido nessa matéria é exatamente a marca que possuía em conjunto com o mesa-tenista. Provavelmente, depois de se aposentar, Hugo Hoyama ainda terá espaço quando o assunto for número de medalhas de ouro em pans. Pode-se até prever, por causa do padrão que os jornais costumam repetir ao longo desses ciclos esportivos, que, quando alguém estiver se aproximando da marca de Hugo, o atleta e suas conquistas voltarão a aparecer na mídia. Logo, o atleta é mitificado através de suas conquistas nas páginas do jornal, parece que ele só significa algo quando está atrelado às conquistas que aparecem nos jornais, em uma relação aparentemente natural, mas que age de acordo com as necessidades da indústria cultural do jornalismo.

3.3 Thiago Pereira: o herói do pan

Thiago Pereira é um nadador brasileiro que conquistou oito medalhas no pan-americano de 2007, sendo seis delas de ouro, uma de prata e uma de bronze. Essas conquistas o tornaram o maior vencedor de medalhas em uma única edição de pan, superando o nadador estadunidense Mark Spitz, que havia obtido cinco medalhas de ouro em um único pan, e o brasileiro Djan Madruga, que ganhou seis medalhas (três de prata e três de bronze).

Por causa de expectativas por essas marcas e os recordes em si, Thiago foi o atleta brasileiro que mais apareceu na mídia. No Diário Lance! ele apareceu ou foi citado em cinco capas. Além disso, ele foi o foco central de diversas matérias, tendo aparecido em oito edições do jornal em matérias focadas nele. Se forem contadas as notinhas sobre o nadador, comentários em colunas, e outros, esse número aumenta ainda mais. A exposição do nadador na mídia começou antes mesmo do pan, quando ele foi matéria de capa da A+ (revista que aos sábados acompanhava o jornal), ganhando uma matéria de seis páginas sobre os objetivos grandiosos dele no pan. Já nessa matéria se indicava que Thiago seria uma das figuras principais da competição. A manchete da capa dizia: “O PAN DE THIAGO”.

O número maior de matérias que poderiam ser analisadas, mais o fato de ter disputado medalhas em diversos dias, torna o estudo do nadador um pouco diferente dos outros dois atletas. Enquanto, no caso de Hugo Hoyama e Diogo Silva, utilizou-se principalmente a matéria em que conquistaram seu único ouro para análise, com Thiago torna-se necessário pensar a sua exposição de uma maneira mais geral, como uma espécie de narrativa que vai sendo criada ao longo das edições do jornal. Nesse caso, a construção da imagem do herói terá mais elementos da aventura do herói clássico, apresentando seu status de escolhido para herói, o caminho de provas e a coroação final de seu heroísmo.

Assim sendo, podemos dividir as matérias sobre Thiago Pereira em três categorias: a *expectativa*, que retrata a possibilidade de uma performance histórica; o *caminho das vitórias*, que retrata as diversas provas que ele foi superando tendo em mente o objetivo final; e a *consagração*, que retrata o atleta vitorioso depois da jornada e colhendo os frutos de suas conquistas.

Para analisar como as matérias do Lance! ajudaram a criar o clima de expectativa em relação ao desempenho de Thiago, focarei duas: a matéria de capa da Revista A+ de 12 de maio de 2007 (que vinha como suplemento do jornal no dia) e as matérias sobre a natação na edição do jornal de segunda-feira, 15 de julho de 2007. A matéria de capa da revista era especificamente sobre Thiago Pereira e o desafio que vinha pela frente. A matéria começa de uma maneira interessante, contando a frustração do nadador por não ter feito parte da final dos 200m medley no mundial de natação ocorrido em 2005. Ele havia machucado o joelho em uma inocente pelada de futebol, tirando-o da competição mais

importante do ano. No mundial seguinte, em 2006, realizado em Xangai, Thiago havia piorado o seu tempo e ficou novamente de fora da final de sua melhor prova.

A narrativa do jornal apresentou ambos os “fracassos” como um marco na carreira do atleta. Pode-se fazer uma analogia direta com o modo como se inicia o mito clássico de Campbell, citado anteriormente. Thiago teve o seu chamado inicial como herói, através da apresentação de seu problema, no caso, o rendimento abaixo de suas capacidades. A partir daí, o jornal disse que Thiago teve que mudar. Abriu mão de certos lazes para poder focar no treino, a competir em provas de um único estilo (sua prova preferida é o medley, em que o nadador nada os quatro estilos) para melhorar a sua técnica. A partir daí, Thiago foi melhorando a sua performance e conseguiu índice para cinco provas individuais, marcando tempos mais rápidos em cada prova que os campeões no pan de 2003, em Santo Domingo, como a revista mostra em um quadro que ocupa quase uma página inteira.

A matéria constrói o sucesso de Thiago como resultado de uma mudança de postura, que o deixou mais maduro, focado nos treinos, possibilitando que ele se torne um possível herói brasileiro. Já na matéria do dia 15 de julho, se deu uma página para antecipar o começo das competições da natação. A matéria principal fala da equipe em geral, já que a natação teria a possibilidade de se tornar o esporte com o maior número de medalhas em pans, e também deveria quebrar o recorde de medalhas conquistadas por um esporte brasileiro em uma única edição dos jogos. Thiago teve uma matéria só sobre si na parte de baixo da página, falando exatamente da maratona que ele enfrentaria para se tornar o brasileiro que mais ganhou medalhas em um único pan, o que superaria a marca de Fernando Scherer, que venceu quatro medalhas de ouro no pan de 1999, em Winnipeg. Estava pronto o contexto para torná-lo o principal atleta brasileiro do pan.

Começada a competição, teve início o caminho de provas de Thiago Pereira. No primeiro dia em que disputou medalhas, Thiago ganhou duas medalhas de ouro, no 400 metros medley e no revezamento 4x200 metros livre. A manchete do jornal não deixa dúvidas que aquelas conquistas ainda não representavam vitória total: “Duas já foram... Faltam 6!”. O primeiro parágrafo da matéria mostra uma parte do maior desafio dele, a pressão por resultados: “Desde que colocou os pés no Rio de Janeiro, toda a pressão está sobre ele. O pan nem havia começado e o fato de disputar oito medalhas fazia de Thiago Pereira o centro das atenções da natação”. Nesse dia foi introduzido um quadro com todas

as provas que o atleta nadaria e se marcaria um visto para cada uma em que ele conseguisse uma medalha. O quadro acompanharia todas as matérias sobre as competições de Thiago Pereira até o último dia de competições da natação, reforçando a pressão que havia sobre ele para conseguir os resultados. Essa pressão é fruto do próprio trabalho da imprensa, e especificamente, também do diário Lance!, que, em sua revista citada anteriormente, falava exatamente do fato de Thiago disputar oito competições e que os tempos deles eram bons o suficiente para obter medalhas em todas.

A capa do jornal desse dia não foi apenas sobre Thiago Pereira, teve foco nas conquistas de medalha de ouro pelo Brasil em modalidades diferentes. O nadador é um dos atletas que ajudam a construir uma imagem de sucesso do Brasil. A manchete diz: “BRILHOU”, fazendo um jogo de palavras com o brilho das medalhas (as letras estão em amarelo, o mais próximo do ouro) e também com o sentido de excelência. O subtítulo reforça a idéia de que as conquistas dos atletas são do Brasil, como se fossem uma unidade homogênea: “BRASIL tem seu melhor desempenho até agora no pan, com seis medalhas de ouro. Diego Hypólito e Thiago Pereira levam duas cada”. Todos os atletas que aparecem na capa estão com as suas medalhas de ouro e, em todos, a bandeira brasileira aparece. O fundo azul com o uso de detalhes em verde e amarelo reforça ainda mais a comunicação de símbolos do Brasil, no caso, as cores da bandeira.

No dia 20 de julho, o jornal continuou a cobertura da saga do atleta. Ele conquistou mais uma medalha de ouro, só que o foco da matéria não é esse. A manchete “Segredos do Campeão” fala do segundo dos principais obstáculos que ele teria que superar: o desgaste físico por disputar diversas provas por dia. Novamente, na matéria, se fala da disciplina que o atleta deve ter para ser capaz de tantas conquistas, além do fato de o corpo dele naturalmente reagir bem ao esforço físico a que se submeteu. No jornal do dia seguinte, novamente o foco da matéria não foi na conquista de mais duas medalhas de ouro por Thiago, mas no fato de ele ter conseguido índices olímpicos em cinco provas. A foto da matéria mostra Thiago cansado após a conquista de uma medalha de ouro, reforçando a idéia da superação do desgaste como obstáculo. O curioso é que Thiago, nesse dia, superou o recorde de Fernando Scherer como o brasileiro que mais conquistou medalhas de ouro em uma edição de pan, conseguindo sua quinta medalha. Porém, o feito ficou relegado a um

quadro na parte de baixo da página, reforçando a idéia de que a jornada e os objetivos ainda não estavam completos.

O domingo, 22 de julho, seria o último dia de competição da natação. Thiago ganhou mais um ouro no dia anterior, mas nem a medalha que o fez superar a marca de Mark Spitz e se tornar o atleta com o maior número de ouros em uma única edição, com seis, foi suficiente para finalizar a jornada de Thiago no jornal. O diário falava da possibilidade de Thiago conseguir, em um pan, a quantidade de ouros que Gustavo Borges e Hugo Hoyama demoraram quatro e cinco edições, respectivamente (Hugo viria a ganhar o seu nono ouro na semana seguinte, como descrito no subcapítulo anterior). O jornal fala das dificuldades ainda maiores, já que, ao contrário das outras provas, os americanos possuíam os atletas com os melhores tempos e eram os favoritos. Porém, a simples possibilidade já era suficiente para engrandecer Thiago ainda mais, deixando-o em um nível que nenhum outro atleta brasileiro havia atingido antes.

Depois de diversos dias em que se mostrava mais a possibilidade de mais conquistas do que as conquistas em si, Thiago começou a ser abordado como um campeão realizado. Nas duas páginas em que foi feito um balanço positivo da participação de toda a natação, deram-se alguns destaques individuais para o novo recordista de medalhas. Em uma foto, Thiago está com a bandeira do Brasil nas costas e a legenda diz: “MISSÃO CUMPRIDA Thiago Pereira após a sua última prova, o 4x100 medley”. Pela primeira vez, a foto de Thiago nas matérias não era dele na piscina. O quadro citado anteriormente que ia contabilizando as medalhas de Thiago estava agora completado, com todas as caixinhas com um visto marcado e a medalha conquistada ao lado. O jornal preferiu mostrar o nadador com a bandeira somente depois que a sua saga havia terminado. Isso é bastante interessante, pois a imagem do Brasil só foi explorada através de um símbolo importante depois que sua maratona de competições e de sucesso havia acabado, como se o Brasil só pudesse ser associado fortemente com uma conquista finalizada. Isso também ocorreu no caso de Diogo Silva, em que os atletas que ficaram no “quase” não carregavam bandeiras nem pareciam totalmente satisfeitos.

Dias depois, na edição de 25 de julho, Thiago seria centro de mais uma matéria. Na matéria intitulada “Assédio já assusta Thiago Pereira”, retrata-se o assédio ao herói do pan depois que saiu do enclausuramento da vila pan-americana. Nessa matéria, acaba sendo

mostrado o quanto a imprensa, patrocinadores, clube e outras entidades legitimam as conquistas do atleta, principalmente o passeio no carro de bombeiros que foi marcado para quando ele voltasse para Belo Horizonte. Além disso, confirma o seu status de celebridade, de *Olimpiano*.

Para coroar de vez o seu *status* como figura principal do pan, Thiago foi escolhido para ser o porta-bandeira da delegação brasileira na festa de encerramento dos jogos pan-americanos, como mostra uma matéria do dia 29 de julho. A manchete é emblemática: “Homenagem Final”, e o primeiro parágrafo confirma de vez que Thiago foi o maior herói da melhor participação da delegação brasileira em pans: “Não poderia ser outro atleta, de fato, a ser homenageado como porta-bandeira da delegação brasileira na cerimônia de encerramento dos XV Jogos Pan-Americanos, que terminam hoje no Rio”. A foto mostra Thiago sorrindo com a mão levantada e a legenda diz: “O CARA Thiago Pereira levou oito medalhas”. O nadador foi o nome que mais chamou atenção da mídia e o atleta que mais conseguiu medalhas nos jogos.

Em um suplemento especial que veio junto ao jornal do dia 31 de julho, Thiago é mostrado com elementos muito parecidos com o que ocorreu com as conquistas de Diogo Silva e Hugo Hoyama. Na página com uma chamada de Destaque do Pan, a manchete usa o mesmo lugar-comum que foi utilizado anteriormente com o mesa-tenista e o lutador de taekwondo: “THIAGOURO”. A foto, que ilustra a página dedicada inteiramente ao nadador, mostra-o com todas as medalhas que conquistou na competição, demonstrando a quantidade de sucessos que obteve.

Em resumo, Thiago Pereira passou pelas três fases do herói clássico. Ao chegar ao final da competição, a história de sua aventura foi contada quase que diariamente na imprensa, desde o momento que foi considerado o escolhido para a maior glória; passando pelas provas da pressão, do desgaste físico e dos adversários; até a sua coroação final, como porta-bandeira e símbolo do sucesso brasileiro nos jogos. Um herói, um mito contemporâneo retratado nas páginas do diário Lance!.

4. CONCLUSÃO

Esse trabalho fez um estudo de caso com matérias do diário Lance! durante os jogos pan-americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro. O trabalho procurou encontrar construções míticas e buscou entender o papel que essas representações construídas no jornal podem desempenhar na sociedade brasileira.

Uma das maiores dificuldades que o trabalho apresentou foi determinar o recorte dos objetos específicos que seriam analisados. A variedade de assuntos, envolvendo desde atletas e torcida, até a própria organização da competição e conseqüências sociopolíticas do evento, oferecia um leque imenso de possibilidades de discussões a serem feitas envolvendo o mito. Decidi analisar e interpretar os modos como três atletas brasileiros foram representados e as diferenças entre eles, comparando-os. Os três escolhidos tiveram conquistas em competições individuais que mereceram algum tipo de atenção especial por parte jornal, seja por causa de quebra de recordes ou por outro motivo simbólico. Além disso, são atletas de origens étnicas diferentes, o que possibilitou retomar discussões sobre identidade nacional brasileira, pois a miscigenação costuma ser tratada como um dos elementos formadores principais da brasilidade.

O estudo pôde apontar elementos que fizeram com que a imagem dos atletas fosse mitificada, de forma muito semelhante aos processos de mitificação que Roland Barthes descreveu na década de 60. Também foi possível a identificação de símbolos e mensagens que ajudavam a significar os atletas como heróis e seus feitos, heróicos. Além disso, pôde-se perceber que as conquistas individuais eram representadas como conquistas do Brasil, como um tipo de vitória da nacionalidade brasileira. Com isso, identificou-se uma relação do mito contemporâneo com a figura do herói clássico, como conceituado por Joseph Campbell. Assim como no mito clássico, as construções mitológicas sobre os atletas atuais foram possíveis em virtude do suposto caráter extraordinário de suas conquistas, que trariam algum tipo de benefício para a sociedade brasileira em geral.

Obviamente, as afirmações acima não finalizam o estudo sobre o tema. Pelo contrário, o intuito, desde o início, era apresentar possíveis discussões importantes que essa pauta jornalística poderia permitir como objeto de estudo. Ainda há muito que pode ser feito. Um dos caminhos possíveis seria analisar como os mesmos atletas serão representados nos jogos olímpicos de Pequim. Seria interessante estudar se a atenção dada

será parecida, quais elementos representativos se repetem, quais elementos novos surgem ou quais elementos antigos desaparecem. Buscar entender de que forma o contexto de impacto global afeta as visões construídas anteriormente em uma competição continental. Mais do que isso, poderia tentar-se identificar que elementos cíclicos que o mito esportivo pode apresentar, além de que tipo de impactos socioculturais que podem causar em virtude disso.

Outra possibilidade seria fazer um estudo mais abrangente e profundo do pan Rio 2007, onde não apenas atletas seriam estudados. A cobertura de histórias de cunho político, relacionadas principalmente à organização do evento, mais a maneira como pessoas “comuns” e a torcida brasileira são representadas são outros exemplos de caminhos que podem ser tomados a partir desse estudo.

Esse trabalho ajuda a entender certas estruturas das mensagens veiculadas na imprensa esportiva brasileira durante competições internacionais, que acontecem em intervalos definidos e voltarão a chamar atenção da mídia. A análise dessas estruturas míticas pode explicar um pouco como os ídolos do esporte se tornam heróis nacionais e que tipo de valores positivos ou negativos isso agregaria à identidade nacional em um determinado momento da história. O campo da mitologia esportiva na contemporaneidade, ainda pode ser um campo rico para outros estudos, e os próprios jogos pan-americanos do Rio de Janeiro ainda podem render diversos questionamentos. O estudo, a partir de outros trabalhos acadêmicos, apenas introduziu um ponto de vista, uma abordagem possível desse evento que foi um fenômeno midiático de massa no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, artigos, dissertações, teses

BARBOSA, Gabriel Collares. *Jornalismo, espetáculo e desvio*. Violência e criminalidade na imprensa através de estudos de caso. ECO/UFRJ, Tese de Doutorado, 2004.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução: Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007 [1ª ed. 1989].

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FILHO, Mário Rodrigues. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GONZALEZ, Ricardo. *Seleção de 70 virou arma da ditadura militar*. Veiculado em 17/6/2005 in globoesporte.com

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [1ª ed. 1992].

MARANHÃO, Tiago Jorge F. de Albuquerque. *Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre*. IV Seminário de História "A Razão Histórica" Universidade Católica de Pernambuco, 2003.

MARQUES, José Carlos. *O mito construído, destruído e restituído – o caso cíclico de Ronaldo Fenômeno*. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Tradução: Maura Ribeiro Sardinha. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007 [1ª ed. 1962].

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Websites

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO:

<http://www.cob.org.br>

EFDEPORTES.COM:

<http://www.efdeportes.com>

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION:

<http://www.fifa.com>

GLOBOESPORTE.COM:

<http://www.globoesporte.com>

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE:

<http://www.olympic.org>

INTERNATIONAL TABLE TENNIS FEDERATION:

<http://www.ittf.com>

LANCENET:

<http://www.lancenet.com.br>

WIKIPEDIA – THE FREE ENCYCLOPEDIA:

<http://www.wikipedia.org>

5. Anexos

Domingo, 15 de Julho de 2007:

10 ANOS

LI 10 ANOS TORCENDO COM VOCÊ

RIO 2007

Argentina é show de bola para o Brasil

PÁG. 7A

Poliana Okimoto, a primeira medalha brasileira

Com lesionados, ginástica leva duas pratas

PÁG. 9A

Mário Wenceslau, o maior rival

CHEIRO DE

Poliana Okimoto, a primeira medalha brasileira

OURO

BRASIL fica muito perto do lugar mais alto do pódio. Nas águas, Poliana vê ouro escapar por menos de um segundo. Nos tatames, dupla dos irmãos faz revezamento por medalhas

Maratona Aquática/Taekwondo

Após mais de duas horas de prova, centésimos roubam o ouro de Poliana Okimoto, que não tem lugar onde treinar

Poliana Okimoto

Foto e momento apertado

Data local do evento: 15/07/2007, em São Paulo (SP)

Atleta: Poliana Okimoto, 25 anos

Competição: Taekwondo, 48kg

Resultado: 1º lugar

Quem é ela

Poliana Okimoto, 25 anos, nasceu em São Paulo. Ela é a primeira brasileira a conquistar uma medalha de ouro no Taekwondo. Ela treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar. Ela é a primeira brasileira a conquistar uma medalha de ouro no Taekwondo. Ela treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar. Ela é a primeira brasileira a conquistar uma medalha de ouro no Taekwondo. Ela treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar.

Arbitragem sem moral no Pan

Quase todos os atletas que disputaram o torneio de Taekwondo sofreram com a arbitragem dos Pan Americanos. Mas o campeão da categoria, o brasileiro Poliana Okimoto, não foi afetado. Ela é a primeira brasileira a conquistar uma medalha de ouro no Taekwondo. Ela treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar. Ela é a primeira brasileira a conquistar uma medalha de ouro no Taekwondo. Ela treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar.

Família festeja o bronze com Allan

O irmão de 18 anos, Allan Okimoto, também conquistou uma medalha de bronze no Taekwondo. Ele é o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de bronze no Taekwondo. Ele treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar. Ele é o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de bronze no Taekwondo. Ele treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar.

Mário Wenceslau deixa escapar ouro no taekwondo e fica com a prata, que poderia ter sido do irmão dele

Mário Wenceslau também participou da competição de Taekwondo. Ele é o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de prata no Taekwondo. Ele treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar. Ele é o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de prata no Taekwondo. Ele treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar.

Quem é ele

Mário Wenceslau, 25 anos, nasceu em São Paulo. Ele é o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de prata no Taekwondo. Ele treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar. Ele é o primeiro brasileiro a conquistar uma medalha de prata no Taekwondo. Ele treinou no Rio de Janeiro, mas não tem lugar onde treinar.

Segunda-feira, 16 de Julho de 2007:



L! 10 ANOS TORCENDO COM VOCÊ
Estado de Rio de Janeiro de 1967 até 1968, 1971 até 1972, 1975 até 1976, 1979 até 1980, 1983 até 1984, 1987 até 1988, 1991 até 1992, 1995 até 1996, 1999 até 2000, 2003 até 2004, 2007 até 2008
R\$ 1,00 <http://www.lance.net.com.br>
NF 3532 A no 30 Rio de Janeiro, segunda-feira, 16 de julho de 2007

BRASIL ARGENTINA

PÁTRIA AMADA



7 VEZES CAMPEÃ



PRIMEIRO OURO

POSTER
★ BRASIL ★
CAMPEÃO COPA AMÉRICA
APENAS R\$2,90 AMANHÃ NAS BANCAS!

REVISTA PÔSTER
Show no hóquei na grama
Caderno do Pan

CONFUSÃO CONTINUA
PÁGS. 4 E 5

VASCO MAIS LEAL
PÁGS. 8 E 9

COM QUAL ESQUEMA?
PÁGS. 6 E 7

VENA O NOVO FLA
PÁGS. 10 E 11

APOSTE NA MEGA-SENA

LANCE!
diário dos esportes

ASSINE De 27 a 67 dias 7h de 13h
R\$ 10,00 (R\$ 35,00/ano)
São Paulo e Minas Gerais: (0800-070-0200)
ou acesse www.lance.net.com.br/assinatura
e-mail: assinatura@lance.net.com.br

ELEIÇÃO NA CBF: TEIXEIRA SERÁ REELEITO HOJE



Com salário de R\$ 600 por mês, Diogo Silva conquista primeira medalha de ouro do Brasil no Pan do Rio



Quem é ele

DIOGO SILVA
Medalha de ouro até 68kg
Data e local de nascimento:
7/3/82, em São Sebastião (SP)
Altura e peso: 1,78m e 68kg
Resultados: bronze em Santo Domingo-2003 e 4º em Atenas-2004

DONA TEL SILVA, mãe de Diogo, era só alegria após a conquista do filho

A aposta da A+
Na edição prévia do Pan, especialistas previam quatro medalhas no taekwondo, inclusive de Diogo Silva.



NELSON A. MEDEIA E MARCEL MERGUIZO

Diouro Silva

David Abramvitz, Marcel Merguizo e Rafael Valesi. RIO

— Por mais que batalhe, o sacrifício não é recompensado.

A declaração de Diogo Silva, após o quarto lugar na Olimpíada de Atenas, em 2004, podia ter sido dita ontem, mas com uma diferença: a recompensa veio com peso de ouro.

O protesto contra os dirigentes — como ele fez ao repetir o gesto dos Panteras Negras — também poderia ter sido feito. Mas, três anos depois, o lutador de taekwondo, bronze em Santo Domingo, não precisou de tal ato, pois, no lugar mais alto do pódio, comemorou a primeira medalha de ouro do Brasil neste Pan.

Os R\$ 600 que ganha mensalmente da Confederação Brasileira de Taekwondo, porém, não equivalem à importância da vitória sobre o peruano Peter Lopez. Nem mesmo Bolsa Atleta do Governo Federal ele possui. Perdeu porque estava competindo na Europa e não cumpriu o

prazo de inscrição. O dinheiro da viagem veio da economia de R\$ 5 mil, que ele fez para comprar um carro para a mãe. Ontem, veio a recompensa para todos.

— No bairro (Jardim Roseira e Manoel da Nóbrega, em Campinas-SP) onde morei por muito anos, o maior exemplo era quem segurava uma arma. Tenho muitos amigos que seguiram neste caminho. Mas, hoje, eu sou um ponto de referência e o Brasil precisa de exemplos assim — desabafou Diogo, que vestia o uniforme do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), cujo preço de venda é R\$ 400, ou seja, 66% dos rendimentos do medalhista.

Este é apenas mais um dos contrastes do novo campeão pan-americano, que, além dos adversários, chuta o balde nas reclamações contra a falta de apoio de sua própria Confederação, contra os atrasos de salário meses antes do Pan.

— Nós precisamos nos envolver mais, somos exemplos — conclui.

Com a palavra

Márcio Wenceslau
Medalha de prata no Pan do Rio

'É isso tudo foi sem patrocínio'

Eu passo mais tempo com o Diogo do que com a minha namorada. O ano todo nós pensamos que o título no Pan-Americano poderia mudar nossas vidas. Eu fui prata e ele conseguiu ser ouro. E isso tudo foi sem patrocínio. Precisamos de apoio urgentemente. Vale a pena investir em um esporte individual, se gasta menos do que com os coletivos e há garantia de medalhas. Como lutei um dia antes, recomendei que Diogo não se impressionasse com a grande torcida. Senti que ele conseguiu fazer isso. Não estamos acostumados a lutar para tanta gente no Brasil.

Mãe dá sorte e tio promete feijoada

■ A comemoração em família da medalha de ouro de Diogo Silva ainda não tem data marcada, mas pelo menos uma coisa está garantida: a feijoada.

Quem prometeu o agrado foi Raimundo, tio de Diogo Silva, que viu a conquista do sobrinho ao lado de sua esposa e da mãe do atleta, Estael, mais conhecida como Tel. Duas primas do campeão também viram ao vivo a final.

A família do medalhista pan-americano está no Rio e promete fazer uma festa assim que Diogo deixar a Vila Pan-Americana.

— Foi muita emoção ver todo mundo gritando o nome dele — disse Tel, que revelou que foi a primeira vez que assistiu o filho em uma competição.

Na história



Panteras Negras. Movimento revolucionário americano de valorização do povo negro. Teve o seu auge na década de 60.

No esporte. Nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, em 1968, os lankes Jommie Smith e John Carlos subiram ao pódio com luvas pretas e de punhos cerrados ao céu. Fora do pódio, Diogo Silva repetiu o gesto em Atenas-2004.

Com expectativa de participação histórica, natação começa hoje no Pan-Americano do Rio atrás de mais um recorde: o de esporte com o maior número de medalhas para o país na competição

Fluorêdo Rio
Com expectativa de participação histórica, a natação começa hoje, com as primeiras eliminatórias, as provas de natação no Rio de Janeiro, com o Brasil em uma posição de destaque, a qual pode conquistar medalhas para o Brasil na competição. Até então, em 14 participações no evento continental, o esporte aquático soma 120 pratas, 40 pratas de ouro e 20 pratas de prata.

A natação teve seu auge no século passado dos Jogos, em Santo Domingo, com 23 medalhas. Foi a delegação que mais pratas levou para o Brasil. O atletismo levou 16, e foi o primeiro a ser campeão. Para o Brasil, o esporte aquático é o mais importante, com o Brasil em uma posição de destaque, a qual pode conquistar medalhas para o Brasil na competição. Até então, em 14 participações no evento continental, o esporte aquático soma 120 pratas, 40 pratas de ouro e 20 pratas de prata.

LANCET acredita que a marca de quatro anos atrás será superada. Vamos ganhar facilmente mais do que 23 medalhas no Rio. Bem mais do que isso. Esperamos ganhar com quatro - aponta César, que disputará os 50m, 100m e 4 x 100m livre e 4 x 100m medley. O técnico Roberto Silva chegou a falar em até 30 medalhas. Seu companheiro de seleção, Fernando Savio, mantém o otimismo, mas evita fazer qualquer tipo de aposta.

A natação é o esporte que mais obtém recordes em Paris. Tem o atleta com o maior número de medalhas, Gustavo Borges, com 10, maior número de ouros (de novo Borges, oito, ao lado do medalista Thiago Almeida) e maior número de pratas em uma edição (Fernando Scherer, quatro, em Winnipeg-96). As provas de hoje têm início às 18h, no Parque Aquático. Muita Lenta. As provas começam amanhã.

A natação é o esporte que mais obtém recordes em Paris. Tem o atleta com o maior número de medalhas, Gustavo Borges, com 10, maior número de ouros (de novo Borges, oito, ao lado do medalista Thiago Almeida) e maior número de pratas em uma edição (Fernando Scherer, quatro, em Winnipeg-96). As provas de hoje têm início às 18h, no Parque Aquático. Muita Lenta. As provas começam amanhã.

Rumo ao topo



Thiago Pereira inicia maratona histórica

Thiago Pereira será o principal favorito da equipe para que o número de medalhas seja recorde. O nadador, 26 anos, pode conquistar com oito 200m e 400m medley, 100m e 200m costas, 200m peito, 4 x 100m livre na eliminatória, mas com direito a premiação e 4 x 200m livre e 4 x 100m medley. O canoísta e candidato, ainda, a obter o recorde de quatro medalhas de ouro no mesmo Rio, que pertence a Fernando Scherer. Não foi pensado nisso, do contrário esse recorde seria mais fácil, mas, pensando em nadar bem, prova a prova, para cumprir meu programa. Se no final do Rio, eu estiver bem e em condições de pensar nesse tipo de estatística, vou pensar - disse Pereira, 23 anos. Batizado, Thiago sabe que o volume de provas será grande e por isso não faz um diagnóstico detalhado. Estou preparado, tenho muita vontade de nadar e, agora, só depende de mim para ganhar essas medalhas. Será importante saber disso e aproveitar - disse. No feminino, as nadadoras lutam pelo primeiro ouro da história na modalidade. As favoritas, ao lado da Flavia Daros e Helena Guimarães, são 50m, 100m e 4 x 100m livre.

Pacotão incentivador para os atletas

Nas palavras de Thiago Pereira, nunca houve uma Seleção tão unida como a que disputará este Rio. É, para manter a alta performance, isso, a comissão técnica. Preparou um pacote, que será montado logo após os resultados, com depoimentos de incentivo. Com a palavra, o técnico chefe, como Gustavo Borges, Carlos Nunes, presidente da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos, Natação e Atletismo. Além disso, promoveu gananciosamente e escreveu como "Toni" da competição o cartão amarelo da União de Rio de Janeiro de 2007. "O dia seguinte meu se há na avenida alguma coisa que eu..."

Natação hoje

Eliminatórias: 50m livre feminino, 100m livre masculino, 400m medley feminino e masculino, 100m borboleta feminino e masculino, 400m livre feminino, 100m peito masculino e feminino, 4 x 100m livre masculino. Medalhas: as provas começam às 18h, com previsão de encerramento por volta de 22h30min.

Quarta-feira, 18 de Julho de 2007:

BRILHOU!

DIEGO HYPO-LITO

LI 10 ANOS TORCENDO

2º LUGAR POR MEDALHAS

THIAGO PEREIRA

BÁRBARA BARBOSA

BRASIL tem seu melhor desempenho até agora no Pan, com seis medalhas de ouro. Diego Hypólito e Thiago Pereira levam duas cada

NICOLAS OLIVEIRA, LUCAS SALATTA E RODRIGO CASTRO

MICHAEL RODRIGUES

Cavalo 'argentino' de Zé Roberto Guimarães

Falavigna perde ouro em disputa desigual

Tiro acerta alvo e se garante em Pequim-08



GOSTO DOURADO Nicolás Oliveira, Lucas Salatta, Rodrigo Castro e Thiago Pereira comemoram a conquista da medalha de ouro no revezamento 4x 200m livre, com direito a recorde.

Thiago Pereira levanta a torcida com duas medalhas de ouro no 1º dia

Paulo Roberto Guedes/Pablo Rocha e Rafael Volante/RIO

Desde que chegou ao país no fim de janeiro, toda a imprensa está sobre ele. O Pan-americano começou e o fôto de disputar oito medalhas faz de Thiago Pereira o centro das atenções da imprensa.

É no primeiro dia em que faz falta, não hesitou. O brasileiro nadou, duas provas, ganhou dois ouros, batendo dois recordes sul-americanos e pan-americanos. E Pereira, segundo atleta a ganhar mais prêmios, nunca sentiu uma sensação tão boa quanto a de ontem.

Thiago revelou que a medalha no revezamento lhe deu mais prazer

A arquibancada do Parque Aquático Maria Lenk não ficou mais tão calma como Thiago não se emocionou. Aos gritos de "Vá, Thiago!", o nadador, de 23 anos, deu o primeiro passo para obter o recorde de quatro medalhas de ouro num mesmo Pan do brasileiro Fernando Scherer (peito) em Winnipeg/98.

O primeiro prêmio nos 400m medley. Fez 4min31,14, longe do segundo, o americano Robert Margalis, com 4min51,12 e sem ameaçar como se esperava. Keith Bagnert (CAN) foi terceiro, com 4min50,07.

Depois, voltou para a piscina para ajudar o revezamento 4x 200m livre. Estratégia atípica dos americanos, e assim foi enquanto Rodrigo Castro e Lucas Salatta estiveram na

As medalhas

400m medley	<input checked="" type="checkbox"/>
4x 200m livre	<input checked="" type="checkbox"/>
100m costas	<input type="checkbox"/>
200m costas	<input type="checkbox"/>
200m medley	<input type="checkbox"/>
200m peito	<input type="checkbox"/>
4x 100m livre	<input type="checkbox"/>
4x 100m medley	<input type="checkbox"/>

Na briga

THIAGO PEREIRA

Responsabilidade é minha

"Eu sempre soube da pressão, mas nunca deixei que isso me prejudicasse. Estou aqui para nadar"

Avanço

2

MEDALHAS
Conquistou Thiago Pereira no último Pan, em 2003, ouro prêmio e um bronze.

8

MEDALHAS
Pelo conquista o brasileiro no Pan de Rio de Janeiro disputou seis prêmios.

Novato, Nicolas mira recorde de Borges

Nicolas Oliveira, novato na Seleção Brasileira, foi o responsável pela vitória no revezamento 4x 200m livre. O nadador, de 20 anos, ficou a prova e caiu na água 20 centímetros atrás do atual americano Robert Margalis. Terminou com quase três segundos a frente.

O tempo negativo em sua passagem, 1min05,3, já permite sonhar com a quebra do recorde sul-americano da prova.

Nicolas foi quase dois segundos mais rápido que o melhor nadador continental, que pertence a Gustavo Borges desde a Olimpíada de Atlanta-1996. Insuperável. Na próxima sexta-feira, dia 20, o tabuleiro completará 13 anos.

Com a palavra

Pablo Rocha

Editor assistente do LANCE!

"Nós que temos de agradecer"

A mãe de Thiago Pereira, Rose Vilela, deu entrevista emocionada ontem, na Rádio JAMETI. É, para surpresa, agradeceu este que vai

mostrar por uma coluna publicada sobre o filho dela, logo após a façanha feita no pool. Na ocasião, no dia em que não era hora de celebrar o nadador. Que ele deveria levantar a cabeça e seguir, pois assim é a vida.

Rose me disse, se não, você não mais mãe do Thiago do que eu não sou. É, eu respondo. Não, que agradeçamos, Rose, pelo seu filho!"

Sexta-feira, 20 de Julho de 2007:





Rotina, resposta corpórea inédita e planejamento ajudam Thiago Pereira. Ontem, mais um ouro

Flavio Rocha, R10
O dia de ontem foi emblemático para entender os motivos que fazem de Thiago Pereira o melhor nadador do país na atualidade. O brasileiro disputou a semifinal dos 200m medley, fez o segundo melhor tempo e deixou a piscina com o ouro. Depois de uma longa viagem do complexo, nadou calmamente alguns metros e, 15 minutos depois, estava de volta ao piscinão principal para conquistar sua terceira medalha de ouro no Pan Americano de Rio, agora nos 200m costas.

O tempo, 1:59.84, é o novo recorde continental. A prova tem o americano Scott Clay em segundo (2:00.94) e o brasileiro Lucas Salatta em terceiro (2:01.05).

Nada impedia que Thiago interrompesse seu protocolo logo porque o nadador tem segredo: a sua cartilha inflexível desde que chegou ao Rio. Além de saber a importância desse período de cultura, o corpo não altera seu dia-a-dia.

No Vila, ele usa seu tempo apenas para comer e dormir. Mal deixa o quarto na madrugada, tem na figura do técnico, Fernando Pereira, uma espécie de guardião costas. Ele tem contribuído de perto em períodos de repouso e durante qualquer coisa que ele não quer focar no competido.

Além da disciplina, Pereira tem mostrado uma reação biológica impressionante. Seu corpo tem conseguido se recuperar, entre uma prova e outra, em tempo recorde.

— Ele nunca mostrou uma condição assim antes — disse o técnico.

Segredos do Campeão

Formula de ouro

- 1** Thiago sabe exatamente quanto tempo tem entre uma prova e outra. Quando sai da piscina, sua atitude imediata é relaxar e descansar.
- 2** A resposta do corpo de Thiago para eliminar o ácido láctico da musculatura tem sido inédita. Seu tempo de recuperação tem sido recorde.
- 3** A rotina é dura: academia, corrida, competição, volta para a Vila, almoço, dorme, compete, volta para a Vila, come, faz massagem e dorme.
- 4** Pereira planeja a maratona que tem sido no Pan Americano (joga em oito provas) há pelo menos um ano. De lá para cá, disputou quatro competições fazendo testes, se obrigando a nadar muitas provas para ver como o corpo reagia.

Maratona poderia ser maior

Thiago Pereira disputará, no total, oito provas no Pan. Ontem, disputou o 4x 200m livre, no lugar de Cesar Cielo na eliminatória, como o LANCE! antecipou que aconteceria. Hoje, não estará na final, mas levará a medalha conquistada por ter ajudado o time. O mesmo acontecerá com Nicholas Santos, também escalado para a etapa classificatória (na prova de Nicolas Oliveira).

A maratona de Thiago, porém, poderia ter sido maior. Isso porque ele tinha indício para nadar os 200m livre, mas não pôde devido a uma lesão no ombro, um dia que já foi bastante complicado para participar em duas provas desafiadoras (semifinal dos 200m medley e final dos 200m costas).

— Não olhe isso, neste Pan, ele conquistou pelo menos um ouro, já que tem uma prata e um bronze de Santo Domingo 2003. Já estou com três ouros e vou buscar até o final pelo ouro — comentou.

País fecha o dia com mais duas pratas

Além do ouro de Thiago Pereira e o bronze de Lucas Salatta, nos 200m costas, o Brasil conquistou, ontem, mais duas medalhas de prata: Fabiana Molina, nos 100m costas, e o 4x 100m livre feminino, com Taliana Lorenz, Tatiane Destefani, Monique Ferreira e Erika Guedes (ambas com recorde sul-americano). Tatiane Sakemi ficou em sexto nos 200m peito. Hoje haverá cinco finais, começando às 18h, e a qual tem chances de pôde em todas. Destaque para Pereira, nos 200m medley.

Sábado, 21 de Julho de 2007:

10 ANOS

LI 10 ANOS TORCENDO COM VOCE

Rio de Janeiro, sábado, 21 de julho de 2007

O PAN AMERICANO

A+

Atletas dos EUA usam o Pan como preparação para Pequim e arrasam no Rio. Apesar das vaias

Os reis do Rio

USA

NOVAS POTÊNCIAS?
Colômbia e Venezuela conquistam vários ouros desde a largada dos Jogos

ELA GANHOU O BRASIL
O ouro e o cartão de Jéssica Barbosa conquistam a torcida brasileira

O PAN EM QUADRINHOS
A história do time de Oscar, Marcel e Carlson sobre os americanos em 67

HOJE
LANCE! REVISTA A+
R\$ 1,70

ÁGUAS DOURADAS

THIAGO PEREIRA
conquista seu quinto ouro e supera recorde de Xuxa. Já são oito medalhas douradas para o Brasil nas piscinas **PÁGS. 6A e 7A**

Kaio Márcio vaa na conquista do ouro no nado borboleta

IMBATÍVEIS!

EDINANCI conquista o bicampeonato e vê sucessora chegar ao pódio do Pan

TIAGO CAMILO não precisou de dois minutos para ficar com o ouro **PÁGS. 4A e 5A**



Thiago Pereira, regatista, após a conquista da medalha de ouro nos 200m medley

Thiago Pereira pode repetir em Pequim-2008 a frequência de provas do Pan. Ontem, dois ouros

Manoelito 60

O Pan-Americano tem servido para mais coisas do que ganhar medalhas e obter recordes para Thiago Pereira. O brasileiro já tem indicações para disputar cinco provas individuais e pode repetir no Olimpíada de Pequim (CHN), no ano que vem, a maratona realizada no Rio. Depois que o Pan acabou, ele e seu técnico, Fernando Vaz, vão fazer uma viagem para definir seu programa olímpico. Ontem, no Rio,

Thiago garantiu mais duas medalhas de ouro nos 200m medley, marcando o novo recorde continental, 1m57s79, e no 4 x 100m livre, mesmo sem ter disputado a final (longe da equipe de eliminatória, mas leva a medalha mesmo assim). Para a Olimpíada, a dupla vai analisar, uma a uma, as chances que Thiago tem em cada prova. A prioridade será a dos 200m medley, sua preferência e na qual acredita ter mais condições de chegar ao pódio.

Na semana seguinte, a dupla vai analisar, uma a uma, as chances que Thiago tem em cada prova. A prioridade será a dos 200m medley, sua preferência e na qual acredita ter mais condições de chegar ao pódio. Em um ano, o regatista acabou

que isso que está acontecendo no Pan poderia acontecer. Falar com calma, hoje, do programa olímpico do Thiago pode ser arriscado, mas não descartamos nada. Ele já tem a tranquilidade de ter os indícios, podemos trabalhar tranquilamente a partir disso - avalia Vaz.

A preocupação do técnico, porém, é que, na Olimpíada, Thiago não poderá se posicionar em eliminatórias e semifinais, como tem feito no Pan. Em Pequim, então, o esforço será de se garantir todos os pontos em que o atleta cair na água, isso porque o nível técnico é bem mais forte do que no torneio continental. O nadador, porém, acredita que está acumulando um fator importante para garantir boa participação nos jogos de 2008, confiança.

A Olimpíada será disputada em um ano, mas o Pan está mostrando que pouco se competiu lá - disse ele - também suas performances. Thiago está correto na afirmação. Ontem, ele se transformou no quarto melhor nadador da história nos 200m medley. Apenas os americanos Michael Phelps e Ryan Lochte e o haitiano Lascio Gunt já registraram performances melhores.

Além disso, o 4 x 200m livre, no qual é um dos integrantes, registrou tempo que colocaria o brasileiro na quarta colocação no Mundial de Melbourne, em março.

Pereira já tem garantido os vitórias olímpicas dos 100m e 200m costas, 200m e 400m medley e 200m livre. O 4 x 200m também já está classificado para Pequim-2008.

Olímpica

ÍNDICES

11 anos Thiago Pereira para a Olimpíada de Pequim. Além de ouro no 4 x 200m livre.

DO MUNDO

No Rio de Janeiro, após Thiago Pereira, nos 200m medley, com o tempo de ontem.

Pereira supera Scherer e iguala Spitz

Com cinco ouros no Pan-Americano de Rio, Thiago Pereira conseguiu feitos importantes, ontem. Tornou-se o brasileiro com o maior número de medalhas de ouro em uma única edição do Pan. O recorde anterior era de Fernando Scherer, que levou quatro (50m, 100m e 4 x 100m livre e 4 x 100m medley) em Winnipeg, 1995. Além disso, igualou o americano Mark Spitz, que foi o melhor nadador de ouro em uma única edição do Pan.

As medalhas

400m medley	1
4 x 200m livre	1
200m costas	1
4 x 100m livre	1
200m medley	1
200m peito	1
100m costas	1
4 x 100m medley	1

Kaio Márcio tenta 2º ouro

Kaio Márcio disputa hoje a final dos 200m borboleta e corre atrás de sua segunda medalha de ouro no Pan do Rio. Já conquistou nos 100m borboleta. O paranaense se classificou com o melhor tempo e é o favorito. Ele ainda disputará o revezamento 4 x 100m medley, que também terá a participação dele. Além de Kaio, o país estará em outras duas finais, a parte dos 30m nos 200m peito com Thiago Pereira, e nos 200m borboleta feminino, com Daniele Dac.

Domingo, 22 de Julho de 2007:

10 ANOS

LI 10 ANOS TORCENDO COM VOCÊ

Rio de Janeiro, domingo, 22 de julho de 2007

2007

RIO 2007

Thiago Pereira chega ao 6º ouro e Kaio Márcio, ao 2º

PÁG. 4A

Danielle vence, mas Canto sofre lesão

PÁG. 6A

TRIOURO!

SELEÇÃO DE HANDEBOL

bate Cuba e conquista o tricampeonato pan-americano

PÁG. 8A

BRASIL

6

ORDEM E PROGRESSO

Danielle conquistou seu segundo ouro do Pan, após os jogos de Santa Osmirgo

Thiago pode conseguir em um só Pan o número de ouros que têm Borges e Hoyama em 4 e 5, respectivamente.

C com mais uma medalha de ouro no Rio de Janeiro, entre os 200m peito. Thiago Pereira soma seis na competição e iguala o recorde de Caco Madruga, que em São Juan-1979 levou três de prata e três de bronze. Mas hoje, no último dia 6, o carioca pode ir ainda além.

Pereira é na piscina para mais duas provas, de 100m costas e de 4x100m medley. Nas duas, não é favorito e terá rivais de peso (veja quadro abaixo) e mais na página 103 (tudo lá). Mas se conseguir a façanha de subir ao lugar mais alto do pódio em ambas, vai registrar um recorde impressionante: o único brasileiro que, hoje, vai conquistar o mesmo número de ouro – oito – que o fã-bêta nadador Gustavo Borges e o meta-atleta Huguê Hoyama, recordista do país. Menos detalhes e que estes precisaram de quatro e cinco Pás, respectivamente, para atingirem tais marcas.

Resumo: a vida, novamente, é

Após a prova de ontem, na qual venceu com 2min1351 e viu o homem barba-cara com a prata com 2min1263, Pereira falou sobre os desafios que enfrenta. Admitiu que nos 100m costas, principalmente, vai ter de se esforçar muito para conseguir subir ao pódio, no menos.

— Mas, na prática, não interessa o tempo de inscrição. Isso se resolve depois. O importante é não se machucar, pois aqui, prata ou bronze, não quero vencer. Sei da dificuldade, mas não respeito meus adversários. Nem o Michael Phelps eu respeito quando calço ao lado dele e quando venço em uma etapa de Copa do Mundo (em Nova York) não penso em quem calço ao meu lado, penso em ganhar — disse o nadador.

Depois da prova individual, ele nadou a mesma distância, 100m no estilo costas, aborrido o revezamento. A prova serviu a um dos dois atletas, pois o outro não se inscreveu.



DOMINGO Enfoque Múltiple: muestra las necesidades de los hombres de la zona.

BRASIL			ESTADOS UNIDOS		
Cortez	Thiago Pereira	55:00	Cortez	Kanstants Bat	53:04
Pelto	Hennrique Barbosa	57:00:147	Pelto	Mark Gangloff	57:00:00
Borboleta	Kao Márcio	51:09	Borboleta	Rocky Barnes	52:08
Crawl	Cesar Gelo	48:51	Crawl	Cabe Woodward	49:04
TOTAL		2:05:14:47	TOTAL		2:04:14:47

Leaves of the tree are used to make a tea that is used to treat various ailments.

■ Kato Masamoto continua a ser o melhor jogador de xadrez no mundo. O Paraneiro foi o 200m borboleta com 3m56s545, quatro milésimos depois do tempo do japonês no ranking da prova. O paraneiro já havia subido ao lugar mais alto do pódio nos 100m borboleta. Hoje, nada essa distância no 4 x 100m medley.

— Esse tempo, sinceramente, foi uma surpresa para mim. Esperava nada menos que o primeiro lugar. Mas não tudo o que pode na prova e, pela primeira vez, sai realmente muito cansado— admitiu o atleta.

Kato creditou os bons resultados a falta de técnico no ambiente de treinamento. Ele deixou de sair para treinar com Leodigério Arraújo voltou a manter orientações de Ricardo Camero. Disse, ainda, que conseguiu vencer uma lesão séria no ombro esquerdo, que o atrapalhava desde o fim de 2005, e um surto de fibrose grávida e um surto de problemas de gripes e virose.

Depois do 400, o nadador vai para o 200m livre e o 100m livre. A quinta, para seu planejamento olímpico e que realice provas de treinamento na Europa e nos EUA.

Depois do Pan, o nadador vai ficar duas semanas de férias. Na sequência, fará seu planejamento olímpico e quer realizar períodos de treinamentos na Europa e nos EUA.

A comissão técnica da Seleção está brigando, nos bastidores, para que oito atletas tenham medalhas caso o Brasil saia ao pódio hoje, no 4 x 100 metros. Isso porque foram reservados quatro reservas na eliminação da prova, na noite de sexta-feira: Lucas Salata, Felipe Lima, Gabriel Mangabeira e Eduardo Debon. O regulamento fala em permitir apenas dois, que, no caso, seriam Lima e Debon, por índice técnico. Mas a comissão acredita que conseguir medalha para todos os oito atletas.

Natação 6A

piscina

NO CAMINHO Peter Marshall (em primeiro plano) e Eusebio da Silva Santos na semifinal dos 100m costas, contra

NO CAMINHO Peter Marshall (em primeiro plano) e Randall Bat, juntos na semifinal dos 100m costas, ontem

Refined: 10

A invenção da bola de basquete no País foi feita por um dos americanos com um respeito na final dos jogos, hoje, e que esbanja as Randall e Peter Marshall. Se depender dos ingleses vai sair do Rio com aprovação. Quando o duplo pode conquistar o título, Marshall não hesita.

— Sim, Vamos por aí, hoje, mas sou muito especial dentro. Vou sair divertido. Afinal, estou com o nadador de 25.

Marshall é o atual campeão da prova, atual de 4 x 100 metros. Ele se lembra ainda mais vitórias, mas já conquistou três mundiais em piscina longa em 1974 e 1976, nos Estados Unidos.

* expressivo é a prata no Mundial de

Montreal-2006, nos 100m costas. Nos números da prova, os americanos levam vantagem em relação ao Brasil. O maior vencedor da carreira de Maré é o cubano O. Marshall, 54110. O brasileiro é medalista de um segundo mais lento, 55 mil e muito em provas de desenvolvimento.

— Thiago será um rival difícil para o cubano, todos sabem. Mas ele tem uma grande vantagem: não tem o vício nordestino de malhar — disse Bial. Corricamente, Bial e Marshall corriam o mesmo tempo na etapa nativa de quase 5600, atrás de Pascal Wollach (CAN, com 5576).

Perceba que o quarteto com 56618 e 56619, os dois brasileiros, não tem nenhuma prova — disse Thiago. É um grande nadador — disse Marshall.

Thiago já ganhou seis ouros e é confirmado como o grande nome de Rio. Mas se vencer os americanos nos 100m costas, a conquista, de

Com o Metrô Rio, você acerta fácil. É mais conforto, eficiência e segurança para você não perder nenhum detalhe. Nesse Pão, você não perde nada. Você vai ganhar sempre.


Metrô Rio. O Pão é mais fácil aqui.


[illegible]

Quem é ele
RANDALL BAL
Nadador americano
Data e local de nascimento:
14/11/1980, em Fair Oaks (EUA)

Albarrá e pesos: 1,94m e 39 kg
Provas no País: 100m costas e n.
vezamento 4 x 100m medley
Melhores resultados: três ouros
e duas pratas em mundiais de pe-
loana longa (50m).

Barreiras

 É O MELHOR TEMPO
De Randi e Ed na prova de 100m costas
Thiago Pereira registra tempo de 1:51,60

 É O MELHOR TEMPO
De Peter Marshall na prova dos 100
metros, após final surpreendente nos

Quem é ele
PETER MARSHALL
Nadador americano
Data e local de nascimento
9/3/1962, em Gainesville (EUA)

Objetivo
PETE MARRASALL
Tudo pelo ouro

*"Eu e Randall (Bal)
estamos de alto
nessa prova, já que
Thiago Pereira é um
grande nadador"*

Daniela Dias conquistou ouro na medalha de bronze nos 200m borboleta, com o tempo de 2min12,95, novo recorde brasileiro. O ouro foi para Kathleen Hersey, com 2min07,75, e a prata, para Courtney Kallie, com 2min25,5, ambas americanas.

Daniela admitiu que pensou em abandonar o mar depois de ter falhado nos 100m borboleta, sua principal prova. Ela terminou em quarto e viu a compatriota Gabriela Silva levar o bronze.

— Não dormi naquela noite e pensei em desistir do mar. Mas tudo mudou: meu Deus, e a delírio eu ergo as legísimas. Lembrai muito da minha mãe, Márcia, que sempre diz que sou uma guerreira — vibrou a capitã.

Segunda-feira, 23 de Julho de 2007:

10 ANOS

10 ANOS TORCENDO COM VOCÊ

Revista LANCET, segunda-feira, 23 de julho de 2007

RIO 2007

CADÊ O ESPÍRITO OLÍMPICO?

BRIGAS de dirigentes no judô e de atletas no handebol mancham o dia de competições dos Jogos do Rio, apesar das conquistas dos brasileiros

PÁGS. 8A e 9A

PAN DAS ÁGAS

NATACÃO bate o recorde de medalhas em Pan-Americanos e Thiago Pereira conquista nada menos que OITO

PÁGS. 4A e 5A

Dois boxeadores cubanos estão desaparecidos

PÁGINA 14A

Ricardo e Emanuel conquistam ouro no VP

PÁGINA 10A

Atletismo inicia com prata e bronze na maratona

PÁGINA 12A

4A Natação

RIO 2007

'Foi o Pan da'

Natação termina com recorde de ouros e medalhas em Pans, premia atletas com índices olímpicos e deixa comissão técnica da Seleção eufórica

MEIO-AMANHÃ

Com 27 medalhas, sendo 12 de ouro, seis de prata e nove de bronze, além de nove atletas e três medalhas classificadas para a Olimpíada de Pequim-2008, terminaram ontem as provas de natação no Pan. O conjunto de medalhas não ficou apenas com os nadadores, mas também com a comissão técnica, que comemorou a melhor performance da história.

O melhor medalhista, por exemplo, foi Thiago Pereira, campeão no 100m livre. Foi o primeiro ouro de uma medalha de ouro a quem não teve nenhuma prova no Rio. No Rio, Pereira, que fez 1:27,12, medalha na história de todos os Pans. O melhor tempo foi 1:24,00, em 1996, quando ele ganhou o ouro no 100m livre. Pereira, que fez 1:27,12, medalha na história de todos os Pans. O melhor tempo foi 1:24,00, em 1996, quando ele ganhou o ouro no 100m livre.

Com a palavra

David March

Ex-atleta de Cielo em Auburn

'Cesar pode ter o recorde mundial'

Não estou surpreso com o tempo de Cesar nos 50m livre (23:04). Ele deve sentir que não foi tão bom como esperava nos 100m. Mas acho que ele estava muito ocupado com entrevistas, sem tempo à vontade se quisesse. Ele pode quebrar o recorde mundial nos 200m e 400m livre, mas talvez também possam. Cesar deve nadar em seu potencial, não se preocupar com expectativa criada por todos.

Com fôlego, Cielo volta às piscinas em 17 dias

Cesar Cielo desatou ontem com o fim das provas de natação no Pan-Americanos. Cesar, que se machucou no peito durante a disputa da Olimpíada Universitária em Buenos Aires, A competição será de 8 a 14 de agosto.

A comissão técnica convocou o atleta para integrar a Seleção Brasileira que disputará a Olimpíada Universitária em Buenos Aires, A competição será de 8 a 14 de agosto.

Sobre sua lesão nos 50m livre, o segundo melhor do mundo na atualidade, disse que ainda pode melhorar. Mas não pensa por enquanto, no recorde mundial de Aleksandr Popov, que fez 23:04,50 em 2000 na competição.

Cielo, agora, deve passar alguns dias com a família, natural de Santa Bárbara d'Oeste, interior paulista.

Não foi Popov, mas sim o brasileiro, que conquistou o ouro no 50m livre na piscina mais movimentada e com mais público, a piscina de 25 metros, no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro.

Sobre sua lesão nos 50m livre, o segundo melhor do mundo na atualidade, disse que ainda pode melhorar. Mas não pensa por enquanto, no recorde mundial de Aleksandr Popov, que fez 23:04,50 em 2000 na competição.

Cielo, agora, deve passar alguns dias com a família, natural de Santa Bárbara d'Oeste, interior paulista.

Não foi Popov, mas sim o brasileiro, que conquistou o ouro no 50m livre na piscina mais movimentada e com mais público, a piscina de 25 metros, no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro.

MEIO-AMANHÃ

Competição de Brasil no Rio de Janeiro. Cesar, 17 anos, com o melhor desempenho de todos os tempos em uma competição internacional.

O objetivo, agora, é ir ao pool em Pequim-2008, mostrando um jovem que chegou a oito anos quando conquistou o primeiro título. A última medalha olímpica do país foi em Sydney-2000, bronze no 4x100m livre misto.

—Adriano e Camilla, Arde, 61 anos, é material humano, mas ultrapassou sua idade. Agora, espere, as medalhas vão cair de cima dele e o Brasil vai ser campeão.

4x100m livre

200m costas

4x100m livre

200m peito

100m costas

4x100m misto

RIO 2007

Natação

'Aliviado, Pereira terá recepção de herói'

Foi forte, mas acabou. Assim Thiago Pereira classificou a maratona que lhe rendeu oito medalhas no Rio de Janeiro, sendo seis de ouro, uma de prata e uma de bronze.

O atleta não conseguiu na disputa, pois, mesmo, ate tanta fadiga, mas depois preferiu descansar. A ideia é pensar algum tempo em Volta Redonda com a família.

Depois, voltará para São Leopoldo, onde está hospedado com um chefe em casa de bonificação, no dia 23. A passagem foi organizada pela diretoria do Minas Tênis Clube, clube no qual treina.

Ontem, juntamente com o restante da delegação brasileira, foi até a Praia das Medalhas, em Copacabana, onde decorou, falado nos filhos e agradeceu a todos pelo apoio. Na sequência, todos rumaram para uma churrascaria da Zona Sul do Rio. O momento foi oferecido pela Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA).

—Agora posso dizer que soube e que consegui mais objetivos, do que medalhas. Não poderia ser mais. Daqui para frente e pensar na Olimpíada. Ainda não sei quantas provas posso nadar, mas já tenho dois índices. Mas não penso em mais nada sobre os 200m, medalha, a minha preferência —disse Pereira, que ficou surpreso ao saber que, embora, teve seu nome gravado por cerca de 40 mil pessoas que foram ao Maracanã assistir a disputa do Brasil para o Equador de 2010, pelo torneio de futebol do Pan.

O Pan-medalha que eleito foi o primeiro a ganhar a medalha de ouro e a prata no Rio de Janeiro.

Oitava medalha para Thiago, prova histórica de Cielo e mais um ouro feminino no final

Thiago Pereira venceu a maratona de 1000 metros, com o tempo de 1:27:12, medalha na história de todos os Pans. O melhor tempo foi 1:24:00, em 1996, quando ele ganhou o ouro no 100m livre. Pereira, que fez 1:27,12, medalha na história de todos os Pans. O melhor tempo foi 1:24,00, em 1996, quando ele ganhou o ouro no 100m livre.

MEIO-AMANHÃ

Com 27 medalhas, sendo 12 de ouro, seis de prata e nove de bronze, além de nove atletas e três medalhas classificadas para a Olimpíada de Pequim-2008, terminaram ontem as provas de natação no Pan. O conjunto de medalhas não ficou apenas com os nadadores, mas também com a comissão técnica, que comemorou a melhor performance da história.

O melhor medalhista, por exemplo, foi Thiago Pereira, campeão no 100m livre. Foi o primeiro ouro de uma medalha de ouro a quem não teve nenhuma prova no Rio. No Rio, Pereira, que fez 1:27,12, medalha na história de todos os Pans. O melhor tempo foi 1:24,00, em 1996, quando ele ganhou o ouro no 100m livre.

Com a palavra

David March

Ex-atleta de Cielo em Auburn

'Cesar pode ter o recorde mundial'

Não estou surpreso com o tempo de Cesar nos 50m livre (23:04). Ele deve sentir que não foi tão bom como esperava nos 100m. Mas acho que ele estava muito ocupado com entrevistas, sem tempo à vontade se quisesse. Ele pode quebrar o recorde mundial nos 200m e 400m livre, mas talvez também possam. Cesar deve nadar em seu potencial, não se preocupar com expectativa criada por todos.

Com fôlego, Cielo volta às piscinas em 17 dias

Cesar Cielo desatou ontem com o fim das provas de natação no Pan-Americanos. Cesar, que se machucou no peito durante a disputa da Olimpíada Universitária em Buenos Aires, A competição será de 8 a 14 de agosto.

A comissão técnica convocou o atleta para integrar a Seleção Brasileira que disputará a Olimpíada Universitária em Buenos Aires, A competição será de 8 a 14 de agosto.

Sobre sua lesão nos 50m livre, o segundo melhor do mundo na atualidade, disse que ainda pode melhorar. Mas não pensa por enquanto, no recorde mundial de Aleksandr Popov, que fez 23:04,50 em 2000 na competição.

Cielo, agora, deve passar alguns dias com a família, natural de Santa Bárbara d'Oeste, interior paulista.

Não foi Popov, mas sim o brasileiro, que conquistou o ouro no 50m livre na piscina mais movimentada e com mais público, a piscina de 25 metros, no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro.

MEIO-AMANHÃ

Competição de Brasil no Rio de Janeiro. Cesar, 17 anos, com o melhor desempenho de todos os tempos em uma competição internacional.

O objetivo, agora, é ir ao pool em Pequim-2008, mostrando um jovem que chegou a oito anos quando conquistou o primeiro título. A última medalha olímpica do país foi em Sydney-2000, bronze no 4x100m livre misto.

—Adriano e Camilla, Arde, 61 anos, é material humano, mas ultrapassou sua idade. Agora, espere, as medalhas vão cair de cima dele e o Brasil vai ser campeão.

4x100m livre

200m costas

4x100m livre

200m peito

100m costas

4x100m misto

Quarta-feira, 25 de Julho de 2007:

HUGO GOLDEN BOY HOYAMA

VITÓRIA sobre argentino garante a nona medalha de ouro do mesa-tenista em Pans e supera Gustavo Borges como maior vencedor da história do país

10 ANOS

LI 10 ANOS TORCENDO COM VOCÊ
Rio de Janeiro, quarta-feira, 25 de julho de 2007

20 ANOS RIO 2007



BRASIL

BRASIL

Janeth diz adeus com medalha de prata

O diário secreto do craque Giba para a filha

Brasil x Cuba: a disputa medalha-a-medalha



ELES SÃO ESPECIALISTAS EM PISTA MOLHADA. VOCÊ NÃO.

RESPEITE O LIMITE DE VELOCIDADE NO TRÂNSITO.

GOVERNO DO Rio de Janeiro **SECRETARIA DA CASA CIVIL** **DETRAN**

Ele cedeu o direito de uso da imagem para a Campanha Pela Vida no Trânsito

Tudo aqui publicado em japonês

Chu*, Hugo!

Pai e Namorada de Hugo Hoyama torcem a sua maneira e comemoram o feito histórico do mesa-tenista

Jefferson Rodrigues (R)

Batido cruzado, dentro no meio, sentido durante todo o jogo e com uma flexionada sem fim. Quando necessário, o semelhante nem pensar com o de um pai que assista o filho se tornar o maior medalhista de ouro da história do Brasil em Paris (noze triunfos). Mas foi assim que aos 62 anos, Fernando Hoyama, pai de Hugo, vestiu a camisa do Brasil por 3 x 2 sobre a Argentina na decisão do torneio por equipes do tênis de mesa no Rio de Janeiro. Para o Sr. Fernando controlar a ansiedade não foi fácil. Mas a recompensa veio cada vez em que ouvia o nome de seu filho gritado pelas torcidas no ginásio.

— Sempre fico um pouco nervoso quando assisto, até por causa da idade, mas pelo tempo que acabei ganhando já me acostumei. Mas esta é a primeira vez que vejo um ginásio assim. Sinto-me recompensado ao ouvir o nome de meu filho gritado por tanta gente, isso me emociona — disse o empresário, nascido em São Bernardo do Campo (SP).

Na arquibancada ao lado, Tina Becker, namorada de Hugo, comandava a torcida com muitos gritos, unhas roscas e poucos minutos sentada na cadeira. A paulistana de 24 anos, que se casou no ano passado com Hugo, mas teve de esperar por cinco dias, viu a vitória.

As medalhas

Individuais-2007: 1 ouro (por equipes) e 1 prata (nas duplas masculinas) — com Claudio Kano

Havana-1995: 3 ouro (equipes, nas duplas masculinas) — com Claudio Kano e no individual

Mar del Plata-1995: 3 ouro (por equipes, nas duplas masculinas) — com Claudio Kano e no individual. 1 bronze (nas duplas mistas) — com Lúcia Kocak

Winnipeg-1999: 1 bronze (por equipes)

Santa Domingos-2004: 1 ouro (nas duplas masculinas) — com Thiago Montano. 1 bronze (no individual)

Rio de Janeiro-2007: 1 ouro (por equipes, até o momento)

que tudo torcedor presente na arena montada no Riocentro.

— Não foi, quando de se contar.

— Não foi, mas como sentir. O jogo foi tenso pelo meu, o final foi feio para os dois, que poderiam comemorar a conquista de Hugo.

— Certamente, esse é um dos dias mais felizes da minha vida — disse o pai-criança, logo para fazer a saudação dos mesa-tenistas brasileiros Chu, Hugo!

Brasil 3 Argentina 1

Hoyama 0 x 1 Liu Song 5 x 11, 6 x 11, 5 x 11
Thiago Montano 1 x 2 Cabanillo 10 x 11, 9 x 11, 10 x 10, 10 x 12, 11 x 9
Montano/Tsuboi 3 x 0 o Altu/Tsahuridu 11 x 4, 11 x 1, 11 x 7
Hoyama 3 x 2 Tabachnik 8 x 11, 11 x 9, 9 x 11, 11 x 10, 11 x 7

Homenagem e festa no sábado

Toda conquista merece uma festa depois. E a nova medalha de ouro de Hugo Hoyama em Paris, não vai passar em branco, segundo o presidente da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, Alvaro Almeida.

— Estamos preparando uma grande festa para o sábado. Vamos homenageá-lo, com uma placa e tudo o que ele tem direito — afirmou o presidente, que também prometeu homenagear os pais do mesa-tenista.

Na festa, que, segundo Almeida, acontecerá na AABB Lages, estarão presentes além dos pais de Hugo, jogadores, dirigentes e Adriano Sanches, presidente da Federação Internacional de Tênis de Mesa, que está no Rio.



Envia seu comentário para: rodgers@lance.com.br



HUGO HOYAMA e Gustavo Borges disputam a supremacia decorada para o Brasil em Paris há tempos. Em sua edição de 18 de maio de 2007, os vitoriosos do Rio de Janeiro, a medalha de ouro para um país. Na época, cada um tinha sete ouros na República Dominicana, ganharam mais um, cada um, no Rio, o mesa-tenista parou a medalha, apontando. Borges foi quem se aproximou a torcida de Hugo, pedindo a bandeira ao lado do recordista (foto). "Vai dizer que eles não são pequenos?" brincou, Borges.



Thiago Pereira em festa na Praça das Medalhas, em Copacabana

Assédio já assusta Thiago Pereira

Rio de Janeiro (R)

As oito medalhas conquistadas por Thiago Pereira no Rio de Janeiro não mudaram a vida do nadador apenas na parte esportiva. Depois de ganhar a prata no 100 metros livre, ele foi convidado para participar até da Criança Esperança.

Fernando Vazquez, TÉCNICO

O atleta está tendo dificuldades de conciliar sua agenda nesta semana. Compromissos com patrocinadores e imprensa têm tomado mais parte de seu tempo. A partir de hoje, ele vai trabalhar com seis assessores que o ajudarão a lidar com a rotina. Thiago vai trabalhar com um assessor de imprensa e outros dois assessores.

Thiago é aguardado na próxima segunda-feira em Belo Horizonte.

As coisas mudaram, e o assédio é enorme. Thiago foi convidado para participar até da Criança Esperança

Quando Thiago Pereira chegou ao Rio de Janeiro, ele não sabia o que o esperava. Ele não sabia que o assédio seria tão grande. Ele não sabia que o assédio seria tão grande. Ele não sabia que o assédio seria tão grande.



Depois de ganhar oito medalhas ele ainda levou pra casa o coração da gente.

Sexta-feira, 27 de Julho de 2007:

18A Tênis de Mesa/Tênis

Silêncio ou medo?

Rival de Tsuboi, Lin Ju é proibido de dar entrevistas e não pode bater bola com brasileiro no clube

Jefferson Rodrigues, RIO

Nas quartas-de-final da disputa por equipes, ele foi salvo por Hugo Heymans e não precisou enfrentar o chefe naturalizado do município Lin Ju no quinto e decisivo jogo. Mas a sombra da chave individual do Pan do Rio cobriu o cubano-chefe-chave número 1 do Pan no caminho de Gustavo Tsuboi.

É apenas deves dos estatísticos do esporte no ranking mundial (Lin Ju é o 52º e Tsuboi, 186º), quem está fazendo mistério para o resto do mundo. É a tática não é exclusividade do Pan.

Proibido de dar entrevistas pelo chefe da delegação de tênis de mesa da República Dominicana, Lin Ju também tem fugido de Tsuboi nos confrontos individuais de alguns minutos antes dos jogos. É a tática não é exclusividade do Pan.

Os dois mesa-tenistas tiveram no mesmo clube na França, onde disputam a liga profissional de tênis de mesa, e Lin Ju é proibido por seu clube de bater bola com o brasileiro por representarem clubes diferentes da mesma divisão. Tudo para

que um não esbarrar e se acusar com o estilo de jogo do outro.

— Os clubes problemáticos.

— Mas estão preparando, vão treinar muito. Vou com tudo para cima de vocês dois.

— disse Tsuboi, confiante.

A vitória dos dominicanos, Hugo Heymans, diz que a tática é comum e se produzirá para Lin Ju não apenas formas



Tsuboi conta com a torcida para superar o dominicano Lin Ju



de deslize concentrado e fixado no objetivo principal: a medalha de ouro. Apesar de considerar Tsuboi um adversário difícil, por um estilo mais agressivo e muito agressivo, tem a certeza de que a grande luta de Lin Ju na competição será contra

— Estamos preparando-o para enfrentar a torcida. Os brasileiros estão sendo

empurrados pelos torcedores e Lin Ju tem de estar bem mentalmente para não perder a concentração durante o jogo.

— É justamente com o apoio da torcida que Tsuboi espera surpreender Lin Ju e garantir uma vaga nas semifinais, o que já lhe asseguraria uma medalha no torneio individual (o tênis de mesa não há disputa pela medalha de bronze).

— O jogo é muito difícil, mas espero que da torcida comparia para me ajudar — disse Tsuboi, que, aos 21 anos, disputa seu segundo Pan e tenta sua terceira medalha.

— Em sua competição para

proibido de dar entrevistas

Confiança

Gustavo Tsuboi

Sob o jogo contra Lin Ju

"Na Liga Francesa, o

jogo contra Lin Ju

foi equilibrado e

apertado. Tive

chances de ganhar"

Thiago e Hugo também na luta pelo pódio

Se Gustavo Tsuboi tem uma

medalha afilada, Thiago Monteiro e

Hugo Heymans lutam para não se

conterem ao favoritismo. Os dois

mesa-tenistas enfrentam o argen-

tino Pablo Tabachnik e o cubano

Derey González, respectivamente,

pelos quartas-de-final.

— Tento pensar pouco no jogo,

mas estou confiante em seguir na li-

ta por medalha — disse Thiago.

— Já Hugo, que costuma ter o apo-

io do ator e ex-mesa-tenista Edson Ce-

lso, tem um péssimo para elestar.

— Faltam que nos desloque, mas o

torcida e cubano, Hugo — disse o ator,

travando como fã de um brasileiro

ter mais um cubano pela frente.

Favoritismo. Os brasileiros se des-

pedam do bronze de tênis de mes-

a sem medalhas. Contra, Lipe Ce-

lso e Karin Sako foram eliminados.

Hoje, quatro jogadores chineses

naturalizados fazem as semifinais

ao Pan: Gao Jun (UK), Jia Jun (UK),

Chen Wang (UK) e Chen Wang (UK).

Preocupação

Hugo Heymans

Se, desconfiança sobre a torcida

"Costo do dima, mas

não me agradam os

gritos no hora do

saque. Os atletas têm

de se concentrar"

Tênis

Paulo Roberto Gonda, RIO

Em Revenon, Fábio Sa-

retinha e o irmão do que

chamam de Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

Saretta, de hermano a esperança

Paulo Roberto Gonda, RIO

Em Revenon, Fábio Sa-

retinha e o irmão do que

chamam de Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

ações de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

por um tênis argentino para avan-

çar a decisão. Saretta, agora an-

ti-estrangista que vem atuan-

do no país. Na partida em que venceu

Gustavo Kuehn por 3 sets a 1, na

cidade de final do Brasil Open, na

Costa do Saque, ele chamou de ar-

gentino de maneira contumaz.

À época, Saretta se aliar chuba-

do com a postura do público. Espera-

va paterna de incentivo, pois, além

de ser brasileiro, estava dando o ma-

ximo em quadra. Mas, na Bahia, seu

estilo de jogo mudou. Saretta, Pa-

scado cinco meses do incidente,

Saretta volta a ser brasileiro para os

torcedores. Ele é a única esperança

de medalha do país no torneio mais

culoso de sempre, após as elimina-

ções de Marcos Daniel e Thiago Ai-

ves na quarta-de-final, ontem.

Como que por sinal de destino,

se trata de passar hoje justamente

LANCE! 10 ANOS
TOCENDO COM VOCÊ
10

Meu L! inesquecível
MAGO NOTICIA

**Notícia e emoção
a serviço do leitor**

LANCE! começa hoje uma série especial em comemoração ao 10º aniversário de lançamento do diário, em outubro

Há mais 100 anos, o Brasil é o país da seguinte sorte: conquistou a medalha de ouro nas duas primeiras Olimpíadas, em 1920, em Antuérpia, na Bélgica, e em 1928, em Amsterdam, na Holanda. Depois disso, porém, não conseguiu mais repetir o feito. Até 2000, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2008, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2012, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2016, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2020, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2024, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2028, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2032, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2036, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2040, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2044, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2048, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2052, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2056, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2060, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2064, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2068, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2072, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2076, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2080, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2084, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2088, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2092, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2096, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes. Até 2100, o Brasil não conseguiu medalha de ouro em nenhuma das Olimpíadas seguintes.

QUEM É HUGO HOYAMA

Nome: Hugo Hoyama
Nascimento: 9 de maio de 1969, em São Bernardo do Campo (SP)
Principais Conquistas: Campeão Latino-Americano (1988, 1992, 1994, 1996, 2000 e 2002), 21º lugar na Copa do Mundo de futebol de mesa em 1996.
Em Paris: 9 medalhas de ouro (cinco)

conquista brasileira na competição, 1 de prata e 2 de bronze. Em Olimpíadas: Participou das Olimpíadas de 1988, 1992, 1996, 2000 e 2004. O melhor resultado foi o 9º lugar em Atlanta-96 (melhor resultado de um brasileiro).



7 Quais dos 11 maiores jogadores brasileiros da era LANCE! Quem decidiu formar o nosso time de ouro, sei você, leitor. Afinal, quem acompanha nas páginas do diário os bons e os maus momentos do seu time, comenta títulos e sofre com as derrotas pode assumir o papel de treinador. Vai ser simples: os jornalistas do LANCE! vão escolher três craques para cada posição. Toda semana você vai apontar um título desse time, entre os três convocados por nós. Vai voltar pelo outubro do LANCE!NET? O resultado será publicado na edição de aniversário do diário em outubro. Uma superoferta, com tiragem de 1 milhão de exemplares e distribuição nacional.

LANCE! começa hoje uma série especial em comemoração ao 10º aniversário de lançamento do diário, em outubro

Luís Fernando Gomes **AS PRIMEIRAS CAPAS**

Rômário anunciou que amarraria em sua volta à Seleção Brasileira as vendas da Copa da França. Foi assim a primeira capa do LANCE! para o Rio de Janeiro Convocado, o *Balestini* acuriano cortado. Des anos depois, alcançou seu máximo glori e a ainda vive com a infâmia de quando encetar a carreira de jogador profissional.

Em São Paulo, Vício foi o personagem principal da capa de estreia. Na reserva do Palmeiras, discutia-se o retorno dele ao rival Corinthians. Vício segue como jogador e seu último clube foi o Uberlândia. Ele disputou a Segunda Divisão do Campeonato Mineiro deste ano e marcou 10 gols. Atualmente, ele está sem time.

Capa da primeira edição do LANCE! no Rio, em 26 de outubro de 1997

The magazine cover for 'VOLTA VIOLA!' features a woman in a red dress. The title 'VOLTA VIOLA!' is prominently displayed in large, bold, red and black letters. Below the title, there is a small circular logo with a red and black design. The cover also includes several smaller images and text snippets, such as 'L'Espresso' and 'L'Espresso'.

Capa da primeira edição do IANCI em São Paulo, em 1º de novembro de 1997

Assim, primeira grande cobertura foi a Copa da França, em 98. E a partir de lá, novidade: o UOL criou uma edição europeia, ingressos e distribuída na França, em parceria com o diário espanhol: Ole, de Buenos Aires, com textos em português e espanhol para os torcedores das duas

que se aponta para a modernização e a monetização do futebol. Muitos se apegam ao mais antigo hábito brasileiro, mas não se dão conta de que o jornalismo impresso não é a única linha de atuação do Grupo LANCE! A sua contabilidade indica o portal LANCE!NET, a Rádio LANCE! com 24 horas de programação na rede, a TV LANCE!, com produção própria de todos os programas de Rádios e TVs, a Rede LANCE! de televisão por cabo, a Rede LANCE! de rádio-satélite, o LANCE! para mudar quem visam aporcar a imprensa mais do leitor, a LANCE! para novas tecnologias, modelos e produtos.

Cerca de 250 profissionais trabalham no LANCE! em suas empreitadas em todo o território nacional, incluindo jornalismo tradicional, original e de qualidade. E assim mesmo, 20 anos, sem assinar no futebol, para não falar, aos domingos, em página varrer contra o pouco de futebol que se encontra no Brasil. E assim mesmo, 20 anos, sem assinar no futebol, para não falar, aos domingos, em página varrer contra o pouco de futebol que se encontra no Brasil.

© 2004 Blackwell Publishing Ltd *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112



despedida

Hugo Hoyama conquista o bronze e se emociona após seu último jogo em Pans. Thiago também é terceiro

[illegible]

Hugo Hoyama
O mero turista se despediu dos

O atleta-tenista se despediu dos
Pais como recordista de meda-
lhas de ouro do Brasil.

1 Como avalia sua última participação em Pans?

Com uma medalha de ouro e outra de bronze, aos 38 anos, foi boa. Saio com o sentimento de dever cumprido.

2 O apoio da torcida pode fazer você mudar de idéia? Infelizmente, não. Coloquei na minha cabeça que este seria o

3 Mas o apoio pode mudar o futuro do tênis de mesa... Claro. Temos de aproveitar esse boom causado pelo Pan, para

4 E como isso pode ser feito? Colocar o tênis de mesa nas escolas seria um bom começo.

— A. diaconella colore a vitellino de E a coluella negre lora Chaperon id

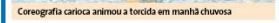
A discussão sobre a utilização de jogadores naturalizados, principalmente chineses, no tênis de mesa pode ter um fim mais próximo do que se pensa. O canadense Adham Sharrar, presidente da Federação Internacional de Tênis de Mesa (ITTF), mostrou-se preocupado com

– Fico triste de ver uma final de Pan entre dois chineses. Estive nos Jogos Africanos e o campeão foi um atleta do Congo, que nasceu na

Rio. Mas se a naturalização foi alvo de crítica de Sharara, o Pan do Rio agradeceu e muito ao dirigente: — Será difícil Guadalupe repetir o feito. O Rio elevou o Pan a um nível jamais visto, quase olímpico.

Domingo, 29 de julho

RICARDO CASSANO



■ As meninas do lado sinistrado garantiram um bronze para o Brasil ontem. No Parque Aquático Maria Lenk, na final de conquistou, Beatriz Freire, Branca Freire, Caroline Hildebrandt, Giovana Stepan, Grazi Souza, Lara Teixeira, Michelle Frits, Nayara Regueira e a equipe de Nogueira somaram 100,75 pontos e se sagrou campeã do torneio do Pan de Santo Domingo (2003). O ouro ficou com as americanas (99,66) e a prata com as canadenses (95,25).

■ O filo e a chuva não espantaram a coreógrafa "Um dia no Rio". Ao som de músicas como "Samba do Avião" e "Ode de Maravilhas", as brasileiras fizeram menção a elementos carísmos como o Cristo Redentor, os Arcos da Lapa e o calçadão de Copacabana.

■ Apesar da chuva, a bróda comprou e nos aplaus. Isso nos deu a oportunidade de ver Caroline Hildebrandt, bronze também no evento.

Agora, o objetivo da Seleção é se aproximar de Canadá e EUA, referências pan-americanas.

LUTA **Brasileiros ficam sem** TÊNIS **Chuva atrapalha**

medalha na luta livre

■ No estilo livre, Renato Roma (até 54kg) e Waldeck Silva (até 60kg) chegaram perto do bronze, mas perderam suas lutas decisivas. Antoine Jaoudé (até 96kg) não disputou o bronze devido a uma lesão muscular e preferiu se poupar para o Mundial, em setembro, no Azerbaijão.

decisões pelo pódio

■ Devido ao mau tempo, a disputa do bronze do torneio de elites foi simples e duplas não foram disputadas no Clube Marapendi, mas sim em uma academia no Recreio, Zona Oeste do Rio. A disputa do ouro, com presença do brasileiro Flavio Sartori, foi adiada para hoje para às 18h.

Último dia passa em México estraga

sonho verde-amarelo

- A equipe brasileira (Fábio Emiliano, Leonardo Carvalho e Marcos Bortolotto) perdeu ontem a disputa pelo terceiro lugar na competição por equipes para o time mexicano. Os arqueiros dos Estados Unidos levaram a medalha de ouro ao baterem o Canadá por

MARCA ATLÉTICA
Brasil longe do pódio

na marcha de 50km

■ Os dois brasileiros da marcha atlética de 50km, realizada ontem no Aterro do Flamengo, passaram longe das medalhas. Claudio Richardson terminou em sétimo e Mario Santos foi desclassificado. A medalha de ouro ficou com o equatiano Xavier Moreno.

ouro americano

■ Após as partidas finais de softball serem adiadas por causa das chuvas, a organização do Pan decidiu declarar os Estados Unidos os vencedores do torneio por terem realizado a melhor equipe da primeira fase. Já a prata foi dividida entre Venezuela e Canadá.

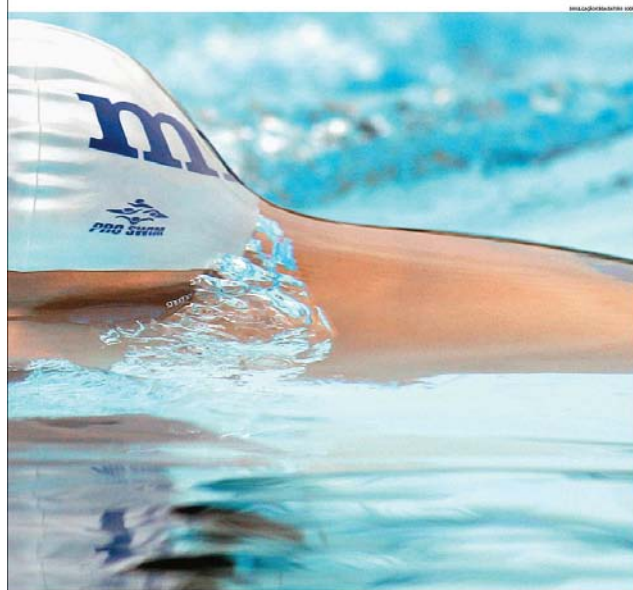
[illegible]

Revista A+ - Ano 7 / número 347 / 12 a 18 de Maio de 2007





Quebra-rec



ordes

Números mostram que Thiago Pereira pode conquistar até sete podios nos Jogos do Rio, igualar Spitz e Phelps e bater o recorde brasileiro de medalhas em um Pan

10

■ ■ ■ A noite de 28 de julho de 2005 foi marcante para Thiago Pereira. Neste dia, ocorre a decisão dos 200m medley do Campeonato Mundial de Desportos Aquáticos, em Montreal, no Canadá. Nas raízes principais da competição, os mesmos desafios que havia enfrentado um ano antes, na Olimpíada de Atenas, quando fora o quinto colocado na final da mesma prova.

Contudo, Pereira não repetiria no palco canadense o brilho que apresentara na Grécia. Simplesmente porque não estava lá. A razão do deslocamento da rotina do atleta do lado de fora da piscina antes do Mundial, por conta de choque durante uma peladinha de futebol jogada com os amigos da infância, em Volta Redonda (RJ).

Da televisão da sua casa, o brasileiro assistiu a vitória do americano Michael Phelps. E percebeu que, se quisesse se tornar um nadador respeitado, teria que abdicar de alguns momentos de lazer, passatempo e, principalmente, peladas.

A manhã de 7 de abril de 2006 foi igualmente marcante para o nadador. Quando o tiro de partida da quarta eliminatória para a prova dos 200m medley 2006, ele não poderia imaginar que pioraria o tempo de classificação em mais de quatro segundos. Mas piorou.

Então campeão mundial da prova em piscina

Após ficar fora de um Mundial por causa de uma pelada, Thiago viu que teria de abrir mão de momentos de lazer

curta, de 25 metros, Pereira dava adeus ao Mundial de Xangai como o 16º tempo. Estava fora da final e não poderia defender seu título.

De uma forma dócil, o carioca aprendeu o que significava ir do céu ao inferno no esporte. E assim, o segundo aprendizado em menos de um ano: adaptação mais conformismo resulta em desçoço.

Os dois episódios, a princípio negativos, ajudam a explicar o novo Thiago Pereira, surgido e consolidado no Rio de Janeiro, realizado no Rio de Janeiro ao longo da primeira semana do mês. Em oito provas disputadas, conquistou sete medalhas de ouro, derrubou três recordes sul-americanos — que, por sinal, já lhe pertenciam — e criou cinco índices para os Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008.

Mais do que a performance avassaladora no Rio de Janeiro, Pereira deu um exemplo a oportunidade de fazer história nos Jogos Pan-Americanos, que serão realizados na mesma cidade, em julho. Classificado para sete provas, ele tem o momento a favor para desbancar o também nadador Ryan Madurga do trono de brasileiro com o maior número de medalhas em uma única edição dos Jogos.

Na edição porto-riquenha de San Juan, em 1979, Madurga subiu ao pódio seis vezes — três



THIAGO EVOLUIU MUITOS ÚLTIMOS ANOS, CHEGANDO A SUPERAR EM SEGUNDOS SEUS PRÓPRIOS RECORDES



O ÚLTIMO GRANDE BAQUE SE DEU NO MUNDIAL DE CURTA DE XANGAI, QUANDO NÃO CHEGOU À FINAL DOS 200M MEDLEY

medalhas de prata e três de bronze. Sua marca ainda não foi superada. Quem mais se aproximou dele foi Gustavo Borges, com cinco medalhas em três ocasiões — Havana-1991, Mar del Plata-1995 e Winnipeg-1999.

O que conspira a favor de Pereira é a maneira como ele tem dominado as provas em que nadará no Pan-Americano do Rio (200m medley, 400m medley, 200m peito, 100m costas, 200m costas e dois revezamentos).

Para dar suporte à tese de recorde, servem como base de comparação seus tempos (veja infográfico na página 13). Todas as marcas de classificação para as provas individuais do brasileiro batidas dos respectivos vencedores dos Jogos de Santo Domingo-2003, sem exceção. E preciso levar em consideração, porém, que a natação também evoluiu nesse período, de uma forma geral, principalmente graças ao fenômeno americano Michael Phelps. Mesmo assim...

— Se ele pode quebrar meu recorde e voltar do Pan com sete medalhas — especula o recordista Madurga, dono de um bronze olímpico em Mexico-1980, no revezamento 4x200m.

Outro fator importante é a ausência da seleção A dos Estados Unidos. Em Jogos Pan-Americanos, é praxe a maior potência olímpica do planeta

EU DIGO

Quem quiser quebrar o recorde de medalhas em um só Pan, Thiago pode ganhar seis!

Por mim, o Thiago pode ganhar seis!

Thiago pode quebrar meu recorde e voltar do Pan com sete medalhas. Talvez, a grande dificuldade esteja nas semifinais. Mesmo que os EUA não levem sua equipe A, continuam muito fortes. Não acompanho o Thiago de perto, mas o desenvolvimento dele está cada dia maior. Olhando para trás, tenho muito em comum. Quando eu nadava, também disputava medalhas em várias provas. Isso ajuda muito. Lógico que não adianta disputar várias provas e não ter técnica, mas não é o caso. Estarei assistindo às competições no Rio. Sônia vou torcer para que o Thiago quebre meu recorde, né? Por mim, ele pode ganhar seis medalhas. Afinal, ele merece.

ser representada por atletas jovens — mas não necessariamente fracos. De qualquer forma, com a ausência de Michael Phelps, o feto de Pereira se tornou muito mais realizável.

E sem os astros americanos, já aparece no horizonte um outro recorde nacional que Pereira pode esperar: o de brasileiro com mais ouros em um só Pan. Por ora, a marca é de Fernando Scherer, o Xuxa, com quatro vitórias em Winnipeg-99.

Thiago tem a chance de se tornar o brasileiro com mais ouros em um só Pan, batendo Xuxa, com quatro

Muito da reciclagem do atual Thiago Pereira se deve à parceria com Fernando Vanzella. Ex-treinador do Pinheiros, Vanzella tem trabalhado com Pereira desde que se transferiu para o Minas Tênis Clube, em outubro passado.

Do instante em que passaram a dividir piscinas e treinamentos, o nadador melhorou em dois segundos seu tempo nos 200m peito, em cinco nos 400m medley e em dois nos 200m costas. Sem fórmula mágica. Os resultados, segundo Vanzella, são fruto de muito treino. E de uma mudança

11

na maneira de estruturar a preparação dele.

Hoje, o nadador dá muito mais ênfase a provas individuais do que anteriormente, embora ainda privilegie as de medley.

«Ele tem uma prova em especial, os 200m medley, que permite nadar todos os estilos. Mesmo que pareça óbvio, ele tem de nadar bem os quatro estilos para fortalecer o medley. Foi o que fizemos. Esta dedicação a outras provas faz parte da minha filosofia de melhorar o Thiago — diz Vanzella.

Pereira, que já tem duas medalhas em Pan-Americanos, conquistadas em Santo Domingo, nos 200m medley e 400m medley, concorda e vê

O segredo da melhora radical de Thiago se deve a um novo treino, que dá ênfase às provas individuais

com bons olhos a mudança de treinamento. Para ele, os sucessos nas provas alternativas não desvirtuam seu foco no estilo medley.

«Os 200m costas foram para melhorar o medley. Os 200m peito ajudaram nas passagens do medley, que eram fracas. Os 200m livre para a passagem de livre, e assim vai — afirma.

Como no esporte o resultado nem sempre é determinado nas quatro linhas de um campo ou nos bóias que delimitam uma raia, Vanzella conta ter trabalhado a postura de Pereira ante as pressões. «Ele passou por dificuldades nos dois últimos anos. Teve o problema no joelho, não se adaptou muito bem nos Estados Unidos. Quando a pessoa

RECORDISTAS DE MEDALHAS

6 **DE WIMBLEDON**
Em San Juan 1979
1 prata - 1.000 livre, 400m livre e 4 x 200m livre
3 bronzes - 200m costas, 200m livre e 4 x 100m livre

5 **FRANCISCO DE ASSIS**
Em Buenos Aires 1991
2 pratas - 100m livre, 4 x 100m livre
3 bronzes - 200m livre, 4 x 200m livre, 500m livre

Em Mar del Plata 1995
2 pratas - 100m livre, 200m livre
3 pratas - 4 x 100m livre, 4 x 100m medley, 4 x 200m livre

Em Winnipeg 1999
3 pratas - 200m livre, 4 x 100m livre, 4 x 100m medley
1 prata - 4 x 200m livre
1 bronze - 100m livre

4 **JOSEPH HENRI** **FERNANDO HENRIQUE**
Em Santo Domingo 2003
1 prata - 4 x 100m livre
1 prata - 4 x 100m medley
1 bronze - 100m livre

3 **BRUNO REINALDO** **CLÁUDIO REINALDO**
Em Mar del Plata 1995
3 pratas - 50m livre, 100m livre, 200m livre
1 prata - 4 x 100m livre
1 bronze - 400m livre

RECORDISTAS
Brasil: com medalhas em Pan
Fernando Scherer, Áureo em Winnipeg
Brasil: com mais medalhas em Pan
Guilherme Borges, com 12 medalhas (Thiago Pereira tem duas)

enfrenta adversidades, tende a crescer. Isto aconteceu com o Thiago. E a partir do momento em que optou por ficar no Brasil, encontrou um ambiente positivo — avalia o técnico.

Pereira teve uma passagem pelos Estados Unidos em 2005, quando morou em Coral Springs, na Flórida. Mas, atualmente, aos 21 anos, vive em Belo Horizonte, defendendo o Minas.

Hoje, recuperado emocionalmente dos maus desempenhos dos anos pós-Olimpíada, o nadador tem o Pan como principal competição no ano. Mas, sem pressão por índices olímpicos, diz, há a chance de nadar melhor mais perto do Rio.

Mane ele sabe da cobrança que sofrerá no Pan. Ainda assim, acredita que a nataçã brasileira tem condições de bater o recorde de medalhas em um Pan: 21, de Santo Domingo.

O único alerta tem referência a uma provável e temida pelada antes dos Jogos do Rio.

«Antes perder um Mundial, que ocorre de dois em dois anos, do que perder um Pan, uma Olimpíada (de quatro em quatro anos). Valeu pelo aprendizado. Até para saber que, enquanto eu estiver nadando, não tem como fazer outra coisa em paralelo — repete.

Como diz o ditado, projeto de vida começa numa segunda-feira. Ele seguiu à risca o provérbio.

«Depois de Xangai, caiu a ficha. Eu não nadei o que eu esperava, e, no dia seguinte da própria semana, eu já voltei com cabeça diferente — revela.

O resultado do novo Thiago Pereira poderá ser contabilizado no dia 22 de julho, data final das provas de nataçã do Pan do Rio.

Colaborou Karina Falzoni



REUTERS / LEO KOO

LUTA DE THIAGO CONTRA O TEMPO

As provas de Thiago no Pan

- 100m costas
- 200m costas
- 200m medley
- 400m medley
- 4 x 100m medley
- 4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

100m costas
200m costas
200m medley
400m medley
4 x 100m medley
4 x 200m livre

